O INQUILINO DO PASSADO

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

COORDENADOR
Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL
Francisco Carvalho
Joaquim Haroldo Ponte
Geraldo Jesuino da Costa

CAPA
Eduardo Campos

MONTAGEM DA CAPA
Assis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Carlos Alberto Dantas

EDUARDO CAMPOS

O INQUILINO DO PASSADO

(MEMÓRIA URBANA E ARTIGOS DE AFEIÇÃO)

UFC
CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL
1996

Campos, Eduardo
C186i O inquilino do passado / Eduardo Campos. – Fortaleza: Casa de José de Alencar / Programa Editorial, 1998.
132p. (Coleção Alagadiço Novo, 95)

1. Literatura cearense - Crônicas 2. Campos, Eduardo - Autobiografia I. Título (Série).

CDD: 920
CDU: 82-94

“... Vejo com um olho que sente e sinto
com uma mão que vê.”
Goethe, **“Elegias Romanas”**; citado por Oliver Taplin

“Há um estilo
de chegar à janela, espiar a rua.”
Carlos Drumond de Andrade, **“Chegar à Janela”**

“Quanto caminhais avante,
Tanto vos tornai atraz.”
Gil Vicente, **“Auto da Alma”**

ITINERÁRIO

Justificação do Locatário, p. 9

PRIMEIRA PARTE

Memorial da Rua do Imperador, p. 11

SEGUNDA PARTE

Memorial de Afeição, p. 85
O Soldado; seu Perfil e sua Dimensão, p. 87
O Tempo, a Mulher, o Amor, p. 103
Subsídios (indiscretos e Amenos) à História da Academia Cearense de Letras, p. 115
Breves Considerações de Teatrólogo sobre a Comédia Angélica, p. 127
Retrospectiva em Tempo de Teatro, p. 137

JUSTIFICAÇÃO DO LOCATÁRIO

Em cidade pequena, e vem ao caso citar Pacatuba, onde passei parte de meus primeiros anos, não se dá atenção a nome de rua. Valem os seus pontos de referência: mercado, mercearia, bilhar, casa do vigário etc., etc.

Creio que na conscientização urbana em seus inícios, mesmo quando existem, as placas indicativas nada significam para as pessoas. Por isso as ruas representam e se impõem pelos seus ocupantes, por suas ocorrências pregressas. Desse modo foi assim em Fortaleza, onde existiu a Rua das Trincheiras, o beco da Apertada Hora, a Rua dos Mercadores...

Mas quando meus pais se mudaram para a Capital, morar na Rua do Imperador conferia status, ainda que na verdade não passasse de via pública em areia, o que sucedia a começo dos anos trinta...

Não demorou assim, pois logo veio o progresso anunciado pelo fio de pedra, a exigir fossem todas as calçadas niveladas, e o piso, antes de terra frouxa, coberto de calçamento de pedra tosca...

Essa venturosa rua, por tantas emoções despertadas em mim, acabou por me convencer a trasladar para livro algumas crônicas rememorativas, escritas e publicadas ao “Diário do Nordeste”, e agora rejuvenescidas com breves acertos, menos a empenho de aprimorar possível valor literário que pelo testemunho da época mencionada, o que espero perdure de subsídio aos pósteros sobre o que se deve entender por espírito urbano desse passado, quando

a convivência doméstica estendia-se até a calçada, virtual prolongamento da sala de visita de cada lar.

As palavras que escrevi têm de modo explícito e transparente o percurso da saudade, o que vale dizer da evocação, e pratico uma e outra a este ensejo, confesso, para revitalizar veros sentimentos que me animam tocados sempre pelo meu indescartável sentido de apreensão e afeição não só a pessoas mas a coisas.

Por diante, e a tanto creio repetir-me mas para enfatizar, essas evocações acudirão aos curiosos informações de usos e costumes daqueles anos, que cuido de proveito, e capazes de perdoar as limitações do autor, improvisado mas não desamoroso cronista.

Na Bíblia, como caminho ou estrada, a rua apenas aparece em dois momentos: em Salmos 18.42 e Atos. 2.11. Mas neste livrinho posso creditar-me por mais menções, e as faço com bastante afeição.

E.C.

PRIMEIRA PARTE
MEMORIAL DA RUA DO IMPERADOR I

O PERFIL DA RUA

Quando dei por mim pelos meus oito anos, descobri a minha rua, a do Imperador. Começava no muro da RVC, desambiciosa, sempre alagada ali pelo inverno, e, cheia de meninos e alegria, demandava até o Bemfica, passando pela Praça da Lagoinha, ponto de lazer aos domingos, e revisitada diariamente à compra do pão do chá à Padaria Ideal.

Por diante a rua ia faceando a Casa de Saúde César Cals, muito importante por então para mim, pelo quadro vivo de pastores que se exibiam anualmente ao Natal, adorando o Menino Jesus.

Mais à frente a rua tomava-se de burburinho; ora dos operários da fábrica de tecidos, ora dos alunos como eu, do Instituto São Luiz. E mais ao fim da rua, se posso projetar assim, tinha-se o Patronato onde, todos os anos, corriam espetáculos da quadra natalina, de principal jornadas pastoris com menininhas sapecas, fantasiadas de encarnado (não se dizia vermelho) e azul. Vozes, dos dois bandos, tão espertas de juventude, pareciam descer do céu, trazidas pelos anjos...

Ah, rua de passado cheio de botijas arrancadas e visagens, e certamente de pessoas que recitavam a oração da cabra preta, pela meia-noite, peticionando o número do bicho do jogo, ao dia seguinte...

Rua que se chamou antes 15 de Novembro, foi também a de n° 10, mas acabou permanecendo para sempre Rua do Imperador, em homenagem a Pedro II.

Em meados dos anos trinta a rua tinha piso de areia; não de todo nivelado em sentido exato da palavra.

Diante da casa de n° 90 (aí morávamos em casa de duas portas, porta e janela), o terreno baixo nutria-se das águas das Chuvas; e virava um quer que fosse mais que coxia... Mas não de impedimento à passagem de automóveis (no máximo dois por hora chamando a atenção o Chevrolet Pavão (pavão por quê?), de ordinário com capota de lona marrom-claro.

A rua só ficou realmente adulta na oportunidade em que Prefeitura dispôs pela areia as pedras de meio-fio, o famoso fio c pedra. A movimentação dessas peças de granito atraíam às mães às janelas – (os postigos, articulados, abriam avançando para a rua transtorno para os passantes...) –, as mães, repito, cheias de receios: "cuidado para não cair!"– "sai daí, menino!" etc. , etc. E os blocos pétreos afinal sendo arrumados, cimentados uns aos outros, a exigir a subida do piso do passeio em decorrente nivelamento. Só isso? Não, pois proibido o funcionamento de jacarés e só admitida a descida pluviátil, caso escamoteada sob a calçada.

Rua de cães vadios e luxuriosos. E de namoros "agarrado! pelas esquinas (dizia-se becos), "coisas"– assim mesmo mencionado – de pirão-frio, designativo desprimoroso a nomear empregadas que iam demorar aos escuros, em reprovável esfregado...

Rua de povo, isso mesmo, e de tipos populares, nem todos inocentes ou virtuosos, pois abria a fila do bando a Siri, mulher magricela e de vocabulário impublicável; a Ferrugem, outro pesé delo para as virtudes cristãs da época; o Jararaca, solenemente indumentado de preto (e sujo); e o Papagaio, respeitado mais por tratar-se de moço de família, porém de juízo perturbado.

Não era isso, é que ele tinha na cabeça um inesperado computador capaz de dizer, em menos de três segundos, em que dia da semana, nos anos vindouros, cairia a data do aniversário natal cio de qualquer pessoa, habilidade permutada por ínfimos cem réis.

Ah, essa Rua do Imperador... Como dói agora relembrar!.

OS GATOS

Em dias que já vão longe rememorei a convivência de pessoas e gatos, e resgatei ao meu próprio passado (que o é também de meus generosos leitores das páginas do DN), história de bichanos

criados em nossas casas, e merecentes de tratamento especial porque serviam para distração das crianças.

E recordei as almofadas que propriamente não se propunham a cama de gatos, mas em resultado, ao final, sucedia, aproveitadas as quatro ou cinco ali existentes para decorar (dizia-se enfeitar) a sala de visitas, lugar sem dúvida mais importante do lar, onde se efetivavam os pedidos de casamentos, davam-se recepções, e conversas sérias entre vizinho;, a visita de padre, do médico da família, e também onde acabavam repousando, cercados de todo o respeito, os que morriam.

Criar gato tinha sérios inconvenientes, o mais grave o de ensejar a concorrência de mais animais, uns tantos que ameaçavam invadir a casa, à conta de não haver comida farta pelos quintais, conquanto generosa sobrasse nos pires de leite, sobejo dos criados com mais carinho. Assim, quando menos esperado, gatos desciam do telhado, e talvez viessem dos céus, rinhentos por vezes, e por outras, a mais das vezes, apaixonados e realmente fogosos, cheios de lascívia, a cometer rumorosos namoros nas calhas pluviáteis.

Nessas horas a pudicícia doméstica mandava “botar no mato” o bicho de estimação (que se tornara escandaloso), a pretexto de ter ficado velho, e andar sumido pelas bicas e canaletas de flandres, por onde se punha “nojento”.

Botar no mato em Fortaleza (que mato não tinha perto das casas) queria dizer contratar alguém para carregar o rejeitado até a praia, a não demorar, na situação geográfica da rua, mais que quinze quarteirões.

Tinha gente que se alugava só para essa atividade.

Apresentava-se à porta, o saco de estopa dobrado e aninhado embaixo do braço, e, à mostra, os mais diversos instrumentos de suplício: metro de corda, dois ou três barbantes encerados pedaços de pano.

Nem sempre o gato condenado à deportação aceitava tão execrável desprezo. Arreliava-se. Azunhava. E, em se desvencilhando, disparava dentro de casa, ia e vinha de um lado para outro, esbaforido, a peitar nas portas. Cansando, acabava aprisionado metido rudemente no interior do saco. Não de raro o inquisidor conduzir mais de um bicho ensacado.

À entrada do companheiro, iniciava-se imoderado reboliço, algo a chamar a atenção pelos ruídos, miados, e mais movimentos desesperados dos animais que se apertavam no interior da sufocante prisão. Daí o dito popular, de esquecida vigência: "É um saco de gatos!" Mas a anedota não está completa, que, para alguém livrar-se de bicho indesejável, por essa época – anos trinta não era tão fácil como se imagina.

Podia passar a semana, até mais tempo, e vinha dia, quando menos se esperava, pessoa da família, indo à porta, alarmava, com quem acabasse de ver mulher de respeito tirando a roupa na rua – **O gato voltou!**

Ah voltava! E ficava! Pois demorava efetivar-se nova contratação para a repetição do serviço. É que o pegador de gato andava sempre com a agenda muito cheia, e só daí a mais dias, uma semana, talvez, aparecesse de novo para finalmente "botar no mato o gato".

Claro que o leitor de hoje, mais afeiçoado a cães do que a bichanos, pode inquirir-me: por que não matá-los? Matar gato, nunca! Primeiro, o bicho tem sete fôlegos, agüenta mil pancadas, varadas e cipoadas, e quando se lhe dá folga, salta longe, desaparece. Por isso, a solução era deportá-los, a criançada sabendo que gatos e lavandeirinhas (aquelas avezinhas branca e preta, bem mansinhas, que dizem ter lavado a roupa de Nossa Senhora) ninguém podia apedrejar quanto mais matar.

Mas os gatos tinham uma importância enorme na linguagem desses dias. Perseveravam no vocabulário circunstancial, a

propósito de tudo. Mulher magra, gata. Cidadão querendo casar com a dita, com a intenção de pretender a “gata por causa da prata”. Gatinha, no sentido de coisinha linda; gatão, por garotão cheio de lindeza, é coisa de hoje...

A LÚDICA IMPROVISADA

Brinquedo bom (e caro) tinha de ser de corda, e comprado ao Bazar Alemão, na Praça do Ferreira. Carros de corrida, principalmente, e de flandres, o colorido instigante, um bonequinho a fingir o piloto (não se dizia motorista) imbricado no assento por presilha de dobrar. Raros em nossa casa, mas aí chegados ao término do ano, generosidade do Papai Noel. No mais a lúdica sustentava-se na inventiva dos que iam dos oito a doze anos – essa a faixa etária na Rua do Imperador, aos anos trinta –, quase todos freqüentadores da Igreja do Patrocínio, e membros irrecorríveis da Cruzadinha, portando a fita encarnada da Irmandade e o manual de orações, no qual ao Padre Nosso (assim mencionado) insistíamos para que fossem perdoadas as nossas dívidas “como nós perdoamos as dos nossos devedores “ Mas e os brinquedos?

A começar da “patinete” (7), tábua de rolar pelo chão, artefato improvisado sobre rolamentos usados, de caminhão, com guia de madeira à frente, que se podia mover de um lado para o outro, direcionado pelo tripulante.

Em ordem de importância, sob igual inspiração automobilística, vinha o aro de ferro posto a correr pelas calçadas, conduzido por vareta de arame grosso, cuja extremidade – em arco fechado – aderia ao aro, disciplinando o movimento da roda.

Além da patinete e aro de girar, sucediam-se outros brinquedos em que avultava o interesse a confrontos eventuais. De tal

modo o pião, peça de madeira rija em formato de pirâmide invertida, torneada, o eixo pontiagudo feito de prego “Cabral”.

Era atirado pela ação do cordão que o envolvia, em considerável velocidade, partindo célere para colidir com outro artefato, esse já no chão, a rodopiar. Do choque, o atingido partia-se em dois, esbandalhava-se todo.

Sob igual inspiração bélica, manejavam-se os corrupios. Praticados em tampinhas de cerveja. A tampa mais robusta, após achatada por martelada, recebia dois furos ao centro, por onde ia passar o enlace do cordão manejado pelas mãos do brincante.

Quando essa peça, a zumbir, atingia rotação considerável, os porfiantes se defrontavam, cada qual procurando atingir o fio de animação do corrupio do adversário, até desgarrar-se um dos tais, ou ambos, voando perigosamente sem rumo certo.

Depois, vinham as raias, essas a partir de agosto, a predominarem os ventos fortes. Dizia-se “soltar raia”. A dita, de fabricação doméstica, caprichosamente construída com taliscas de bambu e palitos de palha de coqueiro.

Sobre o esqueleto ajustava-se o papel de seda (encarnado) bem recortado e rejuntado de grude preparado em casa, à base de goma (não caroçuda), água quente e gotas de limão. O limão ajudava a conservar a liga.

De barbante encerado e duas latas de leite condensado (a Nestlé anunciava o produto para evitar a “enterite, a tuberculose e outras enfermidades... “), improvisava-se linha telefônica de razoável desempenho. Com talo de carrapateira (ou de mamoeiro?), tinha- se o canudinho ideal para inflar bolhas de água e sabão. Só isso? Não. Recolhiam-se botões de velhos paletós e vestidos “encosta- dos”, para a formação de pelo menos um time de futebol. E com dois sarrafos – até cabo de vassoura servia –, podia-se ter pernas de pau para passear na calçada, como palhaço de circo...

VOU “NA” AVENIDA...

Estou pelos meus doze anos e é assim que falo para a minha mãe: “Vou “na” avenida... “ Dito dessa forma, que fere a limpa ordenação exigida ao bom português. Que me perdoe o meu sempre lembrado professor Colares, o Edmilson Monteiro, o Sinésio Cabral... Nada de vou à avenida, que de verdade mesmo eu vou andar nela e com ela, entranhado do ambiente do logradouro onde delicados e preguiçosos peixes – deviam ser carás – dormitavam em tanque de ornamentar o ambiente, e o faziam sob a despachada luz de quase palacianos globos de vidro leitoso, da iluminação elétrica.. .

“ – Vou na avenida”, que me animo a namorar. Minha mãe sabe, e sorrir às minhas costas. Mas deixa, em sua infinita conivência materna, que eu tome um pouco de sua água de Colônia, algo assim tão discreto que até parece cheiro de violeta recém colhida e não guardada ainda em seu livro de oração...

A vaidade é viciosa, nasce e fecunda cedo nas pessoas. Vou então para diante do espelho – um que está emoldurado no porta-chapéus à entrada da casa, e no qual o João pendura o seu de palhinha, cintado por emblemática e pouco discreta fita escura.

Já uso brilhantina “Bandeira”, a da latinha com o desenho colorido da Bandeira Nacional... E nos pés – me afasto do espelho para fazer aquela instintiva avaliação que as mulheres, principalmente elas, fazem diante dos tais, ainda que não se possam contemplar de corpo inteiro... –; e nos pés, repito, o tradicional “Fonabor”.

E lá me vou, a cabeça cheia de idéias, imaginando deparar na avenida a minha Ruth Roland, minha artista (dizia-se estrela) a esse tempo, mais que outras, a me impressionar nas fitas “volte na próxima semana”, e adorada em repetidos seriados ao Cine-Luz, da Praça da Estação.

Para meu álbum eu recortava o retrato dela, e de outras estrelas, tomados à revista "Cena Muda". Minha mãe era de ontem, por isso se contentava com colecionar retratos de parentes.

Mas seja só detalhe, como detalhe dizer agora que em 1920, por exemplo, haver um manual de instrução ética para o cinema americano: 1; "O vilão, o cínico ou o tirano, pode ser louro mas sem bigode e proibido de fumar"; 7; "Os atores não deverão bater em mulheres gordas"; 9; "Não haverá mais cenas de salões de dança, além de dois atos". Estava na revista "Caretas"...

Os beijos (experimentados na realidade) eram puramente hipotéticos. Por isso quando se ia "na" avenida, a promover o inocente jogo do amor – o mais antigo da história da humanidade – o menino inxerido como eu, e qual os que me lêem por agora, pensava em "pegar na mão".

Há sutileza também nessa frase. Não é pegar a mão, pegar na mão, o que semanticamente pode não ser diferente, mas na prática o é. Pegar a mão, sob conceito daqueles anos, era só "encostar" nela, roçar mão com mão, algo fugidio, realmente efêmero.

Pegar na mão significava ir mais adiante, apropriava toda uma conotação romântica em poder estreitá-la, tomando-a prolongamento de fundas e inocentes emoções.

Pode ser fácil aprender a dizer essas frases em bom português, mas exercitá-las na prática, debaixo dessa teoria de conquista amorosa que transitava do "flirt" à positivação de (vamos considerar) amor à primeira vista, conhecia todo um longo percurso a partir de precedências, desde quando a dama passava pela calçada e lá por diante, antes de virar a esquina, dava fugaz espiada, o que o tempo consagrou por coió, isto é, "soltar coió".

Sei que assim mencionado, por hoje, parece irreal. Mais seja, pois nestes anos de tanta agressividade ao humano, vale a pena transmitir aos que me honram com sua audiência sentimento de saudade, de amor ao passado.

Principalmente de fidelidade ao menino que não sabia português, e avisava à mãe: “Vou na avenida... “E lá, passeando nela e com ela, ele era como aqueles peixinhos do tanque, também cheio de adormecida vida...

COMO DIZER BEM

Contei antes em livro: meu pai, de poucas letras mas de apurada percepção de como deviam ser as pessoas, queria-me lendo “explicado”, e a tanto a me compelir à leitura do “Correio do Ceará”, procedimento exercitado em voz alta, diante de sua severa audiência crítica.

“Está tropeçando... “– ia-me repreendendo.– “Nas vírgulas, você tem de fazer pausa... “– “No ponto você pára... “

Anos por diante, dez ou doze, em 1942, creio, escutaria o grande “speaker” César Ladeira – como mencionado por então –, em visita a Fortaleza, explicar a Paulo Cabral de Araújo: “A leitura de jornal, em voz alta, é bom caminho para aperfeiçoar a pronúncia das palavras.”

E com isso, o irrepreensível locutor nada mais fazia que repetir o pai que me criou, o João, que, ao final da década de trinta, sem atentar, já era mestre em califasia na Imperador.

Ler desse modo ao menos uma página de jornal por dia, durante longo período, passou a ser um de meus hábitos, ao qual, a toda certeza – e me perdoem a imodéstia – credito ainda hoje a facilidade de falar de modo a que todos me entendam.

Em verdade graças a esse procedimento, aprendi a “dizer”– quero que entendam, a me comunicar com os outros –, a expressar todas as emoções e sentimentos, consciente de que o dom da voz, que Deus me concedeu, só pode cumprir sua maravilhosa função aproveitando, com disciplina, os recursos vocais educados.

A que vem tão íntimo relembrar?

Explico: pode-se assistir à televisão, por agora, uma série de entrevistas, nas quais a maior parte dos entrevistados está sempre claudicando, a esbarrar em palavras, a embaralhar o sentido das palavras, e pior, a engolir esses e erres, e a se valer de uns tantos lugares-comuns, dos quais o principal parece ser: "Estou muito gratificado".

Em rigor o problema é mais sério do que posso imaginar. Na escola não se aprende a "dizer bem", mas a falar um patuá nem sei como referir, mas de certo linguagem desfigurada e que absorve todos os vícios da rua, onde transitam vocábulos e interjeições da mais pobre e corrupta inventiva popular: "Cara ", "Bicho ", "Droga", "Porra", "Te manca", "Macho", "Oi!" etc.

Sem que se dêem conta, cada vez mais alentado o número de jovens estudantes que nunca se fazem entender da primeira vez, e nem da segunda... A frase é recitada atabalhoadamente, com rapidez e sincopada, como se não houvesse prazer ao bom uso da voz para o diálogo e conseqüente entendimento.

Para essa gente, livro de duzentas páginas é catástrofe. José de Alencar ou Machado de Assis, pesadelo. Obra de mais de mil páginas (lembro, de Roberto Campos, "Lanterna na Popa"), só se for para escorar porta de quarto, que bate com o vento.

Diante desse quadro, que a meu ver é bastante melancólico, sob a lembrança dos ensinamentos recebidos, dou-me por bastante feliz.

O Prof. Colares, no Ginásio Fortaleza (1941), habilitava os alunos à aula de português, fazendo-os inspirados à contemplação de vistosas aquarelas exibidas em expositor especial, armado na sala de aula, e uma daquelas escolhida para tema da prova de redação.

E também não posso esquecer o exigente mas zeloso João, que me obrigava a ler todo dia, em voz alta e desembaraçada – (eu devia andar por volta dos nove anos) –, a primeira página do "Correio do Ceará"...

AS COISAS

1930. Doença tem nome certo, não é virose. No quarto, para o enfermo, o pinico. Não o chamam assim, mas de "capitão". Tem tampa. a algodão, para a medicina, vem enrolado em papel azul escuro. Azul, também o pacote de macarrão. Menino brinca de calça curta; as meninas de sunga. Mulher ainda usa anágua e califon. A vaidade pede mais, e há o "pega-rapaz" , um pontinho preto feito no rosto, com cabeça de alfinete empretecido na chama da lamparina. Querosene se chama gás. Verme de menino é lombriga. Há chave para tudo, até para tomar purgante de óleo de rícino. Não faltam cadeados.

Anda-se de tamanco. Haja pau de maniçoba e atacas de couro vermelho! Vendidos em bodegas e por tamanqueiros. À porta das casas, a cada quinze dias vem ter a televisão daqueles dias, o vendedor de folhetins. De mês em mês, a visita do galego que fia a vaidade das mulheres em pagamentos parcelados, anotado no caderno. Todo tecido para roupa é liso ou estampado, conforme exiba ou não padronagem. Não há bar nas casas, mas oratório, que se diz santuário. Perna de menino é canela. Estranhos à porta, a verem alguém, batem palmas ou se anunciam: "ai de casa!" Há quem se irrite quando menino, indo "ver quem está lá fora ", diante de algum desconhecido, informa: "É ninguém não..."

Tem copo reservado para quem passa na rua, e pede água para "matar o calor".

Aos sábados, sobras de pão, níqueis e bolacha "fogosa" efetivam a caridade circunstancial em esmolas. Não se diz "baleiro", mas boieiro, que na verdade os bolinhos contam a maioria das guloseimas de rua. O doce – de coco, a cocada, seja o que for – vem de complemento. Pirulitos à parte... E ofertados na tábua, e amortalhados em coloridos papéis de seda.

Mais a chegadinha, o algodão-doce.

Tem vela de espermacete para acudir o oratório, de ajudar a quem morre, que, quem parte do mundo deve entrar iluminado nos páramos celestiais. Vela e fósforos à mão, para quando faltar luz, ou quando a mãe se levantar de noite a ver "que choro-é- aquele-que-deu-no-menino". É tudo? Falta dizer: vela é também acudimento em noites de trovoadas...

Toda casa possui um baralho prestante de mil serventias. Ajuda a matar o tempo aos adultos da bisca; distrai os meninos ao jogo do burro...

Quando velho, "marcado", não mais servindo para jogos, é aproveitado na armação de castelos de cartas, arrumações que entretém, ganhando quem consegue construir o que demora a ruir. Mas de grande valia "botar o baralho", que significa usar as cartas de modo ritualístico, tendo a dona da casa o marido sob instigante desconfiança de traição à socapa.

O modo de fazer (cortar em cruz, ler as cartas etc.) está no Livro de São Cipriano, onde perseveram mil advertências às mulheres desventuradas...

Na sala, a vitrola. A um canto os poucos discos, a caixa de agulhas. Na latinha a figura de vitrolão e a do cachorro atento. Cama, só no quarto do casal. Pelas paredes dos dormitórios as redes enroladas e pendidas pelos punhos. Porta serve também para guarda-roupa improvisado. Atrás de cada uma delas dois ou três pregos – tinham de ser "Cabral"–, onde mulher e menino vão pendurando camisa, combinação, vestido, califon...

Na sala da frente e no último cômodo da casa, encostadas à parede, as trancas de segurança. De noite, aproveitadas para reforçar portas e janelas.

Pelo chão da sala de visita as almofadas, a do gato da casa; duas ou três de exibir, pelo menos uma pintada à mão, nela o preto velho fumando cachimbo... (por quê?)

Raros os livros; raríssima a Bíblia. Catecismos não faltam, nem santinhos, principalmente de primeira comunhão e também os editados em memória de quem morre. Mas não se usa ainda reproduzir o "último retrato dele ..."

Santinho, o nome já diz, é de santo mesmo...

Há coisas e coisas. Assim, não deixa de também de ser "coisa"– a coisa ... – vizinha adúltera. Nomes feios: égua, esculhambado, bunda... Mulher que namora no escuro "é pirão frio", designação que nomeia também a empregadas de cozinha.

Sei; tem mais...

NARIZ BOM DE ODORES DESTAMPADOS

Há os que "sentem" pelo nariz. Estou entre esses, um de quantos se destacam pelo olfato apurado. Por isso em meus verdes anos, os de casa exploravam o possível dom valioso:. "Veja aí, cheire... Está bom?"

E iam dando-me a sentir ao nariz o leite guardado, o feijão da panela, vindo de dia anterior, a lata de manteiga na qual se percebia terem metido alguma colher com restos de colarau ou outro tempero, de modo reprovável. "Está azedo? Ardido?" – "Anda, diz, que tem muito o que fazer..." E ninguém, graças a Deus, percebia que meu dom de "sentir", descobrir os odores, ia mais adiante.

Pois eu mesmo era capaz de identificar o cheiro de chão molhado, de neblina caindo na calçada esquentada de sol; ou localizar o fartum de mofo, algo quase indefinido grudado em obscuro ponto do guarda-roupa...

Mas tentar explicar desse modo não é dizer tudo. Só vendo para crer a maestria de meu nariz, o invejável condão de localizar

odores, principalmente os de comida, os tais perturbantes odores destampados, como de meu vezo referir, uns tais que saltam, ou se evolam de panelas e caçarolas apressadas em cozimento administrado por quem, e nesse caso pela Raquel – personagem inarredável desse narrar memorialístico –, sabia a hora certa de dar o ponto, cortar, baixar ou subir o fogo, e sacudir especiarias à frigideira como quem exorciza alma atormentada, revertendo-a à boa paz.

Meu nariz, em outras horas e circunstâncias, posso até jurar, tinha heranças de Pedro Malas-artes. Ás vezes parecia ir-se alongando, de viagem, em prospecções desejáveis, até alcançar, desprezadas as interdições domésticas, a intimidade da cozinha.

E assim se abeirar a tachos em plena gestação segredosa da cozinheira animada do propósito de fazer-escondido-o-doce-para-o-menino-não-saber, e o menino por antecipação já sabendo o que fervia no panelão: açúcar, cravo, coco e mamão.

Todo mundo pensa – e deve ser essa a ordem normal das coisas – que o cheiro é que "anda" procurando, caçando a pessoa, até sensibilizá-la.

Estou pelo contrário: é o nariz, pelo menos o meu, onde o olfato – como o leitor preferir – se movimenta, "caminha" na direção de fornos e fogões, e acaba por descobrir a dimensão misteriosa (comparável a buquê de vinho) do odor, o verdadeiro espírito, o saudável "hálito" de pratos em elaboração e alongados desejos.

A meu entender esse odor, ou como queiram, esse perfumado cheiro da comida... é também o alimento, faz parte integrante da refeição que, sob caprichosa alquimia de calor e temperos, se preparou.

Por isso, costumo dizer que todo bom prato necessariamente há de começar pelo cheiro, perfume inalienável.

Admitir de outra forma é negar sua própria razão de ser.

Em outras palavras: o cheiro, o odor, é naturalmente mais um

ingrediente valioso da própria comida, como sugerem os versos do poeta popular, no caso o cordelista João Martins de Athayde, cantando "As Proezas de João Grilo", recentemente aproveitadas por mim em livro que acabo de publicar: "A Gramática do Paladar":

"Como a comida cheirava
eu tive apetite nela
tirei um taco de pão
e marchei pro lado dela,
e sem pensar na desgraça
botei o pão na fumaça
que saía da panela

– O cozinheiro zangou-se
chamou logo o seu senhor
dizendo que eu roubara
da comida o seu sabor
só por eu ter colocado
um taco de pão mirrado
aproveitando o vapor..."

Desde menino, o leitor me dê a graça de entender, persevero em me apropriar dos bons sabores que fluem de cozinhas. Nem preciso, como o João Grilo, passar "um taco de pão mirrado / aproveitando o vapor...", para me servir do que os outros preparam.

A BODEGUINHA DE FOGOS

Junho enfriado, gostoso, coincidentemente (era assim, antes) mês de férias escolares. Maio finava a entregar o inverno (estação das águas) com breves chuvas de pingos grossos, ou

algumas neblinas (que se dizia nebrina, com erre...) ocasionais, misturadas de radioso sol, a ensejar o que se dava por "casamento da raposa".

E pelas tardes prevaleceria por então a luminosidade desses dias, os anos trinta, a ressaltar o viço (viço e verde) das plantas em jarros, e de árvores em fundos de quintais.

Não mais que de repente, como diria o poeta, em algum ponto distante já ecoava o som característico de bombinhas de São João, estralejando embaixo de vazias latas de manteiga "Patrícia"...

Crescia em mim, despertada e ígnea, minha alma solidária a foguetes e banda de música, e fascinada por pólvora e fogos de artificio, a prelibar a pilha de achas de lenha de sabiá arrumadas em feição de fogueira por acender, para festejar os santos juninos, a boca a assobiar veemente apelo a ventos, enquanto a estopa (aniagem) embebida de querosene (escrevia-se com K), aguardava a centelha do fósforo "Beija-flor".

Vinha hora de improvisar a bodeguinha de fogos, praticada em caixa de charuto, e nessa, que se amparava em duas pernas de pau – em ângulo azado de encostar na parede –, uns tantos escaninhos para guardar os taquaris, as rodinhas, a caixa de traque "fulminante"; e estrelinhas, e tiras de coió, Próprias de arrastar ao tijolo (melhor, no cimento), pipocando...

E mais o traque "alemão", e pelo menos um maço de buscapés (podiam ser rabos-de-saia), que, espertados pelo fogo, davam de correr, ziguezagueando, até meter-se debaixo do vestido de alguma dama descuidosa.

A Isabel do João, que me criou qual seu filho, tão cheia de rigor e teologia, abrandava o coração.

E consentia a existência da bodeguinha, e até – isso mesmo –, até mesmo desviava os trocados das compras de mercearia, recebidos em troco, para a aquisição de mais fogos, a recomendar:

– "Nada de bombas, pelo amor de Deus!"

Mas acabava aquiescendo, as tais compradas para o improvisado comércio pirotécnico. Umas do tamanho de azeitonas, e brancas, e apertadas em cruz, a arrocho de cordãozinho encarnado, a sujigar o explosivo.

Exigiam cuidados para o manuseio e demoravam arrumadas no interior de lata (de "Toddy", certamente).

E não davam chabu.

Explodiam, a impacto, batendo no muro do vizinho, ou quando, sacudidas para o alto, desciam em busca do piso da calçada, marcando-o com inconfundível estrondo e chamuscado anel emblemático, recendendo a enxofre.

Luxo, dispor de pistolas das de dois ou mais disparos, e a tanto fazer voar bolotas coloridas, alternadas, a cada vez diferente, uma verde, outra azul, uma, ou umas a mais, por diante, passando de roxo a lilás...

Havendo dinheiro mais fácil, não faltava hora de queimar as pistolinhas "Beija-flor" de luminescente tiro em chuveirinho... Ou de empunhar, vaidoso, o foguete "Adrianino", ágil pistola que disparava mal se lhe chegando ao ouvido, o estopim, o cigarro esbraseado.

Entre um pipoco e outro, dava disfarçadas chupadas ao cigarro, e, engasgado de fumaça, repisava amarela desculpa:

– "Mãe, é só pra não deixar a brasa apagar!"

Não era.

VOLTANDO DAS FÉRIAS

A ultima semana de junho era de contagem regressiva: "Temos seis dias; cinco; quatro..."– "Meu Deus, se acabaram as férias!..."

Logo, seria o retomo a Fortaleza, à casa de duas portas da Rua do Imperador, "visitada" pelo menos uma vez por mês pelo

impertinente proprietário a querer ver se tudo ali estava em ordem, circunstância que deixava minha mãe realmente aborrecida de morar em casa alugada.

Um sacrifício, em Pacatuba, na hora de regressar à cidade. Por tudo, pelo verde numeroso, que ficava. Pela visita à serra, pelos passeios em jumento...

Dificuldade em meter os sapatos aos pés, os dedos desacostumados e até mesmo inchados pelas topadas. Incomodava a raladura – que se dizia "pisadura"– no calcanhar, e rebelde à sabedoria escatológica de meizinhas extravagantes.

Aí, já falhara a terrinha escura com estrume seco (quem falou em tétano?), cuspo aplicado em primeiro momento, e por diante o pó de café, a lavagem de aroeira "dormida", umas tantas cascas de molho em água "serenada".

No entre-pernas, lugar de muita responsabilidade masculina, tudo ainda dolorido à conta de inesperados choques no cabeçote da cangalha, pois como contei anteriormente, a sela era interdita em minha casa, valendo apenas o uso da cangalha em face da segurança oferecida a cavaleiros... de jumento.

Mais posso ajuntar: doloridas também – e como! – as arcadas das pernas., a esforço de abarcar o animal, e não cair quando em galope.

A luta, no último dia de férias, era para decidir o aproveitamento do trem de brinquedos, e nesse rol arrolados os frutos de mungubeira, o que de melhor havia – a toda certeza – para fingir boi e vaca.

Resgatado pelo menos um pião, o corpo desse artificio sustentado por prego "Cabra!", esporão para bater, vulnerando, outros piões.

Minha mãe parece rediviva, cheia de cuidados, e não cansava de disciplinar:

– "Basta levar um pião!"

– "Baladeira não!"

Quem podia prescindir dessa última? Era o engenho mais popular da época, firmado em legítima forquilha de goiabeira (o pau convenientemente descascado), e de cada braço da forquilha partindo duas tiras de borracha (balata, assim nomeado), depois de palmo e meio atadas por um pedaço de sola vermelha (tinha de ser dessa cor...), onde se iam aninhar, para os disparas, pedrinhas roladas, de rio, e sementes de plantas, não esquecidas as de mucunã.

Com a baladeira, as indescartáveis sementes de mulungu destinadas a marcar a víspora, ou contadas como dinheiro nos jogos de baralho. Não esquecida a serventia extra das sementes da mucunã, marotamente aproveitadas para afligir os outros. E como? Esfregadas em cimento caraquento e imediatamente encostadas ao antebraço de meninos descuidados... de meninas, principalmente, o que sempre motivava reclamações e inevitáveis castigos.

Petecas, duas ou três, para garantir o divertimento (não tinha ainda apelido de lazer) na frente da casa da Imperador, nesses dias já distantes. Em areia a rua e por isso mesmo a relembrar a todos o meio rural, desejado.

Mas esse inventário de coisas gostosas não pára aí.

Necessário acrescentar o que carregávamos em nossa memória: a visão de infeliz dançarino assassinado, o corpo exaurido de sons e ritmos, e depois largado no piso úmido da velha casa de detenção de Pacatuba...

E mais histórias do vôo de bolotas azuladas que, em noites frias, ganhavam o espaço por cima do cemitério, também mortos dançarinos, amedrontando os passantes desprevenidos.

Era o fogo fátuo, vieram me dizer muito depois. E tarde demais, para deixar de acreditar nos fascinantes mistérios do Além.

A VEZ DO ALMOÇO

Nos bons tempos do pioneirismo da TV Ceará, de dramas ao vivo, como se diz representados, cenários e pessoas tudo a modo

de real. De certa vez já a cena preparada – mesa posta para banquete, os utensílios arrumados e rigorosamente dispostos pelo contra- regra – quando a inesquecível primeira dama do teatro cearense, D. Nadir Papy Sabóia, interveio com autoridade:

– "Pára, pára!"

Enquanto a equipe técnica acudia, incisiva ela ordenou: "Precisamos desemborcar os pratos da mesa... Isto aqui é banque- te de nobres e não jantar de pobre..."

Só então me dei conta de que por anos a fio, em casa de meus pais, na Rua do Imperador, tinha-se à mesa os pratos postos ao contrário, até a hora de servir.

Procedimento, eu o dava, a vezo de precaução, para evitar que a "poeirinha" da pulverização do **Flit,** contra as indesejáveis moscas, não assentasse, grudenta, na face inferior do prato, a prejudicar a saúde...

Não, não era por isso. De pobre, nossa casa, onde, logo pelas dez e meia, os pratos já se punham sobre a mesa, devidamente emborcados à espera da comida que a Raquel (cozinheira e mordomo, e até minha mãe às vezes...) preparava cantando "O teu cabelo não nega, mulata... "

Ninguém sentava à mesa, nu da cintura para cima. Pratos podiam arrumar-se emborcados, plebeus, mas o respeito tinha de estar "desvirado", à vista de todos. Evitava-se falar em doença, não referir inconveniências de linguagem, ficando à cabeceira o dono da casa, ou visita porventura convidada à refeição.

Minha mãe demorava do lado direito, e a ela cabia passar os pratos á indagar com voz de todas as mães interessadas em ver os filhos bem alimentados: "prove o macarrão..."– "bote mais um pedaço de carne"– "tem fritada, você nem comeu..."

Nada de guaraná. A quartinha com água ficava quase à mão, a contentar a sede. Meu pai preferia, depois de servido, tomar um copo de Hidrolitol, tipo de medicinal água mineral, preparada em casa e que, para o João, surtia o mesmo efeito da água "Caxambu", servida de preferência a convalescentes.

Detalhe importante: o gato vinha roçar-se às pernas dos comensais, enquanto inócua a recomendação de "não dar comida a gato, à mesa, que acostuma". a bichano preso, fechado em quarto, não parava de arranhar a porta, toda vez que havia pessoa estranha para almoçar...

a cardápio ia de carne a peixe, esse comprado à porta e eviscerado à beira da calçada, a vizinhança inteira sabendo que íamos comer cavala. Ao acompanhamento pirão bem temperado, sendo cioba, pois a cavala, fritada, tinha as postas grandes e bem guarneci das de rodelas de tomate, mas a cebola esfiapada, cozinhada em azeite "Galo", só para amolecer.

a prato de macarrão, infalível; arroz, colorido pelo colorau e de cambulhada coentro e cebolinha, tempero que mais desgosta a meninos. À sobremesa, doce-cascão do "Coelho", e, aos domingos, para variar, doce de banana em rodelas, feito em casa, o caldo encorpado, bom de lamber...

Não faltava o pratão de farofa, adubada com ovos; galinha, uma vez por semana, a penosa apanhada ao fundo do quintal. Não de raro torresmo com farinha de sacudir ao feijão do dia-a-dia. Ai meu Deus, eu adorava a fritada de camarão, a mal-assada! E o tutano do corredor de boi?

De pobre, mas que bom!!!

A VEZ DAS MALAS-ARTES

Têm-me indagado repetidas vezes de modo discreto ma insistente: seriam todos anjos os apaixonados que prosperaram pelo

anos trinta? Menores davam problemas? Ocorriam paixões? E s davam amores pecaminosos? Como se comportavam certos e ousados cavalheiros de rua na batalha de preferências ocasionais?

Devagar com o andor, digo a mim mesmo, antes de tenta responder, a reatar o tema meio explicado em outro lugar, até desaguar no que imagino por crônica oprobriosa, a de relembrar a malas-artes dos impulsos humanos, os de viés, desprezíveis.

Que se comece, e o faço pelo pior, a lembrar o **pino, o pinagem,** e a **maluquinha,** dois expedientes unificados na mesm função ainda que através de vocábulos diferentes mas ambos de igual significado lúbrico, termos não dicionarizados pelo Aurélio mas a significar cínica sem-vergonhice de homem encostar-se em mulher, em fruição amorosa, sem o assentimento explícito (com imagino) da parte a funcionar, transitoriamente, de modo passivo.

Essa atitude marota, disseminada em Fortaleza pelos anos que vão de 1930 até os de cinqüenta, percebível nas aglomerações de rua, é a do "frontteur", que deparo no "Léxico do Erótico", excelente dicionário do gênero, editado pela Livraria Bertrand, assinado por Ludwig Knoll e Gerhard Jackel, aí a se dar "frontteur" por cidadão "que se roça por mulheres desconhecidas", em "pré-manipulação" em certos locais como estação freqüentada, onde as pessoas inserem-se no contexto de multidão.

No mundo francês – não sei se aí o hábito ainda persiste existiam "frontteurs habituais" (em Fortaleza alguns se tornaram conhecedíssimos qual impetuoso notário público) muito ativos nessas cenas na rua, a contactar peitos, coxas ou convexos traseiros femininos.

Esses ciclotímicos, mais não eram (ou são) que exibicionistas sexuais, e hoje não mais prosperam entre nós (posso mencionar), pois os prazeres antes procurados de modo fortuito, banalizaram-se na mulher, cujas saias reduzidas, sungadas, e decotes soltos,

generosos, acabam frustrando (por excessiva disponibilidade) o "frontteur", nosso "pineiro", aproveitador de emoções reservadas.

E quanto a menores? Em 1930 já se viam os ditos "perambulando" pela cidade, entregues a "desregramento" de vida que "levavam, freqüentando as casas de tavolagem e outros lugares de perversão." Assim mencionado em bem escrito relatório administrativo do governo Matos Peixoto, quando funcionou a "Estação Experimental" (Santo Antônio do Pitaguari), dirigida pelo Dr. Esmerindo Parente, para dar "conforto moral e material a "48 menores".

Por conta das malas-artes das ruas Major Facundo e das Flores (onde operavam os prostíbulos), já em 1929, contra a sífilis e moléstias venéreas, foram aplicadas 27.115 injeções de mercúrio e 7.080 de 914, sendo 74.718 (pasmem!) a marca olímpica do total das "consultas a venéreos", na cidade! ! !

Vê o leitor? Bem que eu não queria dizer das malas-artes.

NO TEMPO DA RADIOLA

Os dias da galena estavam para trás. Quem podia, pelos anos quarenta, adquiria um receptor de rádio. Já raro o modelo "capelinha", fabricado pela Philco. Em 42 a Zenith apostava no seu aparelho moderno, retangular; à esquerda o alto falante; à direita o mostrador amplo, forjado em vidro, com todas aquelas estações do exterior, em ondas curtas.

Faixas de ondas tropicais (de 2.420 a 5.035 kc/s, como se dizia); 40,41,49, e mais faixas de 31, ~:5 e 19 metros. Nessa última tinha-se a BBC em 15.110. Em 49m podia-se sintonizar Berlim e, aos 15m Moscou. Aparelhos de válvulas (do tipo termiônico, que, em 1945, vendiam-se na Casa Victor dos Irmãos Pinto, Ltda. (depois Cimaipinto), a atender pelos telefones 1456 e 1626.

A RCA, em julho de 1942, anunciava a sua Victrola, nada mais que o rádio-fonógrafo, de gabinete, possivelmente o modelo que fez com que todos os curiosos passassem a improvisar a sua radiola, um híbrido artesanal, receptor e fonógrafo instalados em um só móvel de madeira, que varou os tempos até os anos setenta.

Depois da guerra, já se dispunha de "olho mágico", válvula (lead) a encher de luz esverdeada, piscando, toda a parte sinalizadora, quando a emissora entrava em sintonia.

O som captado, com fidelidade, foi mais outra conquista dos fabricantes internacionais que não tardaram a propor a alta- fidelidade. Não havia ainda o transistor (inventado em 1942 e aproveitado industrialmente, em larga escala, depois de 1952...), e nem se evoluíra o bastante para alcançar o chamado som estéreo.

Os fonógrafos suíços, ou holandeses qual o Paillard, dé excelente qualidade, aptos para discos em 78 RPM. Mais adiante já vinham com adaptador para 33 1/2 45 rotações.

E as caixas de som, apelidadas de "caixas acústicas", recebiam tratamento especial, e então forradas de lã de vidro, material altamente cancerígeno.

O anúncio do rádio GE, publicado em Seleções (julho de 1942) proclamava: "O próprio Júlio Verne ficaria assombrado" com o novo receptor General Electric, que "realiza o milagre de trazer o mundo para dentro do lar."

Os fabricantes do Zenith atacavam a seu modo, apregoando: "Esqueça um momento esse mundo complicado, e refresque-se num banho de música – de cultura – de requinte... ", sintonizando

um rádio Zenith, que "oferece a verdadeira seletividade de faixas expendidas".

O rádio ficava na sala de visita, meio coberto por uma toalhinha de croché (horrível!), e como se esse zelo decorativo não bastasse ia para cima um pequeno elefante de porcelana, fosse

de que fosse, e na casa, para ter sorte... deveriam existir, desses, pelo menos sete.

O Bazar de Música, programa de rádio, ia perdendo o prestígio.

O bom era já dançar ao som de radiola, a casa de portas e janelas abertas. São os inspirados dias da Caneta Parker 51, e dos primeiros anúncios da Coca-Cola...

No tempo da radiola o mal gosto não ficava no elefante de porcelana, mas no pinguim encimando a geladeira. Ai, Jesus!

Interditado qualquer enfeite feito de chifre de boi...

ORAÇÕES E MAGIA

Tento contar pelo miúdo, com muita saudade. Nem lembro tudo, que o tempo tem o capricho de apagar a nossa mente. De repente – também com o desgaste da idade – o mecanismo das recordações emperra; não diz bastante. Assim explicado, começo por dimensionar o personagem, dono da Livraria José de Alencar (acho que era como se chamava), situada na Guilherme Rocha: Estolano Polary Maia. Alto, esguio, maneiroso, sem passar da conta. Estava mais de pregador evangélico que propriamente de livreiro.

Em sua casa de comércio havia de um tudo, desde os contos policiais vendidos em fascículos, passando pelos pequenos volumes da coleção SIP (cada um valia dois cruzeiros), ao trânsito de ofertas e curiosidades, que estacionava, por exemplo, nos livros de Umbanda, indo acabar o tumultuado percurso na venda de velas, do cavalo-marinho, da Bruxa Ondina, e figas de outra bruxa, a feiticeira Esmeralda. Quem comprava defumador precisava também levar o “banho para aguação de casa”, algo assim de dar felicidade, ou acabar pendimba de vizinha invejosa, de olho grande no homem da casa.

O mais vendido, o defumador “Irapuan”, tinha o dom de “voltar as pessoas ausentes, as amizades”. Logo atrás, na preferência dos clientes do livreiro, o “Iramar”, sob proposta tentadora de proporcionar ao desfrutante os “bons espíritos no lar, na casa comercial, tomando o ambiente venturoso.”

Apetrechos, intenções, e principalmente sonhos, tudo isso produzido e embalado por um tal fabricante “Ordem da Rosa” (Rosa com Z) “Cruz da Bahia”, ou pela “Feiticeira” e “Casa Sírio”.

No capítulo dos banhos navegava a lábia do livreiro, pois além dos anúncios de estilo esotérico, Polary Maia mandava imprimir volantes, pequenos boletins ilustrados com desenhos, como ao caso citar o do “Maravilhoso Banho Iracema”, em que a própria índia muito mandingueira aparecia sestrosa, a peitança aprumada, saliente.

Aí explicado que “manancial inesgotável de fluidos benéficos promana das entidades do Reino de Iemanjá para os que sofrem, especialmente aqueles que são desamparados por Cupido.” Arrematando o apelo de venda: “Seja feliz em matéria de amor, como de resto em seus negócios, questões e interesses em geral, comprando um vidro desta água miraculosa. Perfume agradável e irradiante.” Produto salvador vendido em dois tamanhos, vidro pequeno a 5 cruzeiros..., o maior a 10".

Quase esquecia as velas. Essas, “irradiadas”, vendiam-se acondicionadas em caixas.

Das tais as “Gira-Sol”, “Cairú” e “Marajó”, dentre outras, sendo que a última impunha o poder de “afastar espíritos pesados que nos emitiram por feitiçaria, afastando todo e qualquer encosto.”

Na bula (vamos considerar assim), a recomendação ao uso: “Coloque-se a vela num pires e acenda até fazer chama, isto feito está formado o ponto mental,. soprando a mesma, ficará espargindo uma lenta fumaça perfumada, podendo então mentalmente fazer o pedido desejado.”

Essa literatura, se posso mencionar, vem guardada comigo há mais de quatro décadas, encabeçada pelo livrinho – “Orações Misteriosas”–, edição do próprio Polary Maia, que, em dia de mais . vagar, por diante, espero recordar mais à vontade.

ORAÇÕES E MAGIA II

Deus mandava mais. A direção divina era requisitada a toda hora. Ninguém viajava sem um breve. As mulheres, não necessariamente as mais idosas, atavam o escapulário na alça da combinação, peça feminina hoje desativada. Não faltava a medalhinha no bolso. E por trás das portas, os papeluchos de orações.

E o desenho tosco de cruz para desarredar trovão de estalo. Havia santa bonita e poderosa, qual Santa Terezinha, que mais parecia princesa. E misteriosas figura:; da corte celestial, de exemplo São Cipriano, com a permissão da má palavra, meio catimbozeiro. Corria até de mão em mão, mas sob incentivadas cautelas, o livro com as suas orações e regras de poder.

De permeio a São Cipriano umas tantas magias e orações proibidas ou censuradas, ligada à prospecção de mistérios, e aqui devo lembrar a Oração da Cabra Preta, que diziam dever-se recitar em encruzilhadas, “pelas areias”, lugar sempre propício para despachos, sucessos que se inseriam até os anos cinqüenta na conversa a pé do fogão, pelas cozinhas, quando as empregadas ainda faziam parte da família.

Tinha tom ditatorial:

“Anda Caifaz, anda, Satanás, anda Ferrabrás, traz-me a minha presença o animal e a milhar que tem de dar amanhã (em Loteria ou Jogo do Bicho), com todos os pontos, grandes e pequenos, que tu não trazendo eu te amarrarei com as forças do “Credo”...

Não se falava por esses dias em excluídos, mas havia pobres, gente que acreditava ser tudo um questão de sorte: sonho bom e revelador, acertar no bicho, topar botija, apostar em orações qual a do Mar Sagrado, por exemplo:

"Mar Sagrado, eu te venho salvar: Água eu te venho pedir e a fortuna de Deus para minha canoa leva!; para que me dê ouro para guarda!; para eu gastar e cobre para os pobres.""

Tudo assim dito encontrado no curioso livrinho editado pelo livreiro Polary Maia, "Orações Misteriosas", que se dava por "publicado no Rio de Janeiro, a exibir ilustrações assustadoras: caveiras, tíbias cruzadas, sinais esotéricos, um corujão na capa da frente, e atrás – adivinhe o leitor? – o **chifrudo,** o emissário das más obras, o próprio Demônio, solenemente refestelado em trono (e cão tem trono?), e por sobre ele, encimando, a advertência: "Pouco recomendado (o livro) para católicos apostólicos romanos".

Interessantíssimo o "conjuro maravilhoso" recomendado para evitar fossem as pessoas feridas por armas. Começa assim:

"Eu conjuro a toda espécie de arma – lanças, espadas, facas, punhais, flechas e em geral toda classe de armas constantes (?)", pelos 72 nomes de Deus, pela sua virtude infinita e seu poder supremo; eu vos conjuro pela lança com que o soldado Longuim traspassou o peito de Deus, Joth, Heth, Vari Aee, para que não façais feridas em mim que sou humilde servo de Deus, nem derrameis meu sangue..."

Como só poucos tivessem nomes de artistas ou se chamassem, por exemplo, Divanir, Valdonilton, Adirson etc, etc., e a maioria fosse de genealogia comum, de tradicional inspiração celestial (Maria, João, Francisco, Terezinha, Cecília, Paulo, Pedro...), fazia sucesso a oração" Ao Santo do Nosso Nome", a explicar de começo:

Oh glorioso Santo (ou Santa) do meu nome (n...), advogado e protetor meu!, sob cujo amparo e proteção me colocou a Divina Providência no dia do meu batismo..."etc., etc., "não consintais que jamais profane vosso santo nome com más ações" etc., etc.

ORAÇÕES E MAGIA III

O livrinho editado por Polary Maia ("Orações Misteriosas") é de 1950; já aí os hábitos de Fortaleza mudavam. Não se falava mais "nas areias"; balões e fogueiras estavam banidos; os personagens de rua, quais os da Rua do Imperador (a Siri, a Ferrugem, o Jararaca – "Jararaca, ô cobrão!") iam desaparecendo, ou já não existiam, enquanto esmorecia, até extinguir-se, o interesse pelo anedotário do bode Yoyô.

Mas o vezo por orações revigorava-se, a refletir a influência das décadas anteriores, tempo de haver um baralho em cada casa.

Mesmo as senhoras mais virtuosamente cristãs, qual minha mãe adotiva, sabiam botar as cartas – dizia-se "tirar a sorte" – para saber de algum doloroso truncamento matrimonial, procedimento que se efetivava, de modo reservado e grave, no primeiro quarto da casa, damas e valetes, e reis, arrumados sobre a colcha de retalhos quadriculados, então em moda.

Os sonhos, contados a modo de histórias de vexação e assombração, ressuscitavam a Roma dos presságios; davam avisos, anúncio de chegada de parente muitos anos ausente (havia de vir do Pará), ou de alguma morte desastrada de pessoa importante.

E essa engenharia freudiana, de sonhos plebeus e urbanos, acabava mesmo era proporcionando o bom palpite para o jogo do bicho, com as pessoas a "amarrar" o jacaré ou a borboleta por seguidos dias, no grupo, e até na milhar, como se dizia. Tempo de novenas. Incólumes, ainda, os leilões em favor de ordens pias; mas já surgin-

do, a tomar corpo, a Adoração ao Santíssimo (que se dizia "do Santíssimo"), sentinelas de hora em hora, devoção que não só parecia mas de verdade vinha substituir o retiro em que já se destacava como pregador "diferente", o Pe. Arquimedes Bruno.

Poucos percebiam, mas se instalava também, já, a linha de ritos e orações cabalísticas. Na Livraria do Polary Maia vendia-se em opúsculos, como anunciado, farta literatura sobre "ritos mágicos de Umbanda", que "Ogun é por excelência o orixá da energia e da bravura que tudo supera e vence."

Negociado aí também o famoso banho de Vênus, recomendado para aquelas mulheres que não tendo muita "formação e força de vontade" (...) "são conquistadas pelo homem que chega antes do que é desejado."

As pombas (africanas!) tinham múltiplas cores, vendidas a cinco cruzeiros. E mais tentador: negociada a tinta mágica, feita com sangue de boto, e muito própria "para escrever, em pergaminho de grande efeito, para chamar a prosperidade". O Padre Nosso ensinado no livrinho do Polary Maia é qual o que aprendi e que a Igreja depois alterou, modernizando exatamente nesta passagem que se não recita mais por hoje: "O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoa-nos as nossas dívidas assim como as perdoamos aos nossos devedores..."

Nem se falava ainda no exercício de combate ao demônio, vivido em filme clássico do gênero, "O Exorcista", e já o Polary Maia divulgava lição para desaferrar as tentações entranhadas:

"Senhor; que destes a vossos servos todo o poder sobre as potências infernais, ouve a minha prece e glorificai Vosso Santo

Nome, curando (nome da pessoa) vosso servo e libertando-o da legião dos demônios que o maltratam. "

Acrescente mais quem souber. De minha parte, disse.

O PIJAMA

Pelos sete anos de idade, vencendo a resistência familiar, afinal passei a usar o meu primeiro pijama. Desse modo me livrava, para sempre, da malfadada camisola, algo que sabia a roupa de mulher e me deixava bastante ressabiado. Daí por diante, vi-me em posição de destaque, pois em minha linguagem infantil, para dormir, já não me empunham tão detestável roupa.

Muitos anos depois, aprendi: durante séculos, pelo menos em Portugal, os homens usavam (por influência mourisca) uma camisa de dormir, dando de suceder, não raro, o uso de estranha peça do vestuário masculino, a fraldilha, sungão fechado à altura das virilhas e sem pernas compridas, pois as calças (como as vemos por agora) só haveriam de perseverar depois, e assim mesmo escandalizando a sociedade.

Por muito tempo pijama e camisola correram juntos na constituição do indumento de alcova, íntimo.

Pode até parecer exagero, mas na verdade as damas não tinham pejo de se apresentar às visitas da família metidas em camisola, peça a experimentar depois a sua evolução erótica para o "dêshabillés" .

O Medeiros e Albuquerque, escritor e memorialista cheio de esquisitices, "de chinelo e em pijama" certa vez recebeu em casa, muito à vontade, a visita de Agripino Grieco...

Quem se pusera adulto, a chegar em casa, depois do expediente comercial, trocava logo a roupa do dia pelo pijama. Se ia receber parente ou amigo, no máximo metia-se em calça de ir à rua... mas a blusa do pijama (cheia de alamares, nem sei se se diz assim), era inevitável.

E com dois bolsos, onde se socavam, de um lado, os cigarros ("BB ", "Princesa", "Acácia "...), e do outro o lenço colorido... Para onde se ia de viagem, até para a cadeia, indispensável o pija-

ma. Desse modo sucederia com Graciliano Ramos, pois quando escreveu “meti uma roupa branca na valise” queria dizer também pijama, que esse, solene, vai aparecer ao capítulo 35 (in “Memórias do Cárcere”), onde o escritor registra que, depois de usar a escova de dentes, foi “estender o pijama nos varões da grade”.

Ficando velho e imprestável, o pijama ainda tinha serventia.

Das pernas tiravam-se pedaços de bom tamanho para lustrar móveis, com óleo “Peroba”. E tiras, das ditas calças, estavam sempre ao ponto para encompridar rabo de raia...

Com o passar dos anos o silaque substituiu a blusa do pijama e a sociedade convencionou não serem mais toleráveis, à vista de estranhos, pijama e camisola.

Nos Estados Unidos, contava meu sogro, prof. Natanael Cortez, causava espécie alguém aparecer de pijama à porta do quarto de hotel.

A moda, por caminhos indecifráveis mas caprichosos, degradou o pijama.

Encurtou-o. Eliminou aqueles alamares pespegados em torno de reluzentes botões de madrepérola. Não trazem mais o cordão de enfiar, que servia para ajustá-lo ao corpo. Agora a peça se amolda sob pressão de elásticos que perdem logo o efeito pela ação da máquina de lavar roupa.

Para completar: “estar de pijama” virou sentença achincalhante. Desse modo, a se querer debicar de militar importante ou não, que foi parar na reserva, diz-se dele, maldosamente:” General de pijama.”

MEMÓRIA, MAIS QUE MEMÓRIA

Está em livro de minha autoria (“O Tropel das Coisas “) novela “Agente de Primeira Classe”, na qual narro a sofrida desdi-

ta de diligente funcionário ferroviário vendo, sem nada poder fazer nem acudir, o derruimento do trem como habitual meio de transporte, e a tanto, em sua cidadezinha – pode ser qualquer uma, ma vem ao caso nomear Pacatuba – a assistir o fortalecimento e progresso da linha de ônibus, inovadora e cruel, a tornar diminuída d um dia para outro a utilização dos trens por passageiros.

Cada um de nós que se criou à margem de ferrovia, está um pouco no fulcro desse conto e na figura dolorosa do meu personagem, obstinado solidário aos tons mágicos do mundo ferroviário, tecido e retecido não apenas pela presença de locomotiva e vagões, mas por criaturas bem adestradas na arte de servir zelosamente: – agentes, inspetores, guarda-freios, agulheiros e mais toda uma considerável legião de anônimos.

Gente que arriscava a própria vida como o fez certa vez em Pacatuba um desassombrado maquinista, intrometendo-se na entranhas ainda fumegantes da caldeira de sua própria locomotiva, a soldar cano rompido e por onde se perdia o vapor...

Mais que as gentes do feitio dessas e de outras, acrescente-se: o aparelho morse de comunicação entre paradas e estações, por onde também fluíam os acontecimentos da cidade, boas e más notícias, e dolorosos avisos, às vezes anunciando a morte de alguém muito querido.

E trens, pontuais e estridentes, despertando pelas manhã os pobres sem relógio; e a tanto a carregar os muitos sons de engates retesados no tracionamento dos carros, e apitos – apitos e não buzinas – sonorizando o mundo e o coração de pessoas que sabiam ver e amar as coisas.

De permeio o bulício da estação à chegada da composição – seria o P 2 ou o Misto? –, momento em que se desaçamavam mil

pregões de pouca nobreza mas adoravelmente elementares, a trombetear as delícias do pão-de-ló ou banana seca, a boa qualidade da água enfriada em algum pé de pote e servida ali em

moringa; ou de perfumado café (nem sempre livre das sementes de manjerioba), entronado em bule de bico aguçado, o bojo de alumínio afogado em entrouxado de panos remotamente brancos e já tintados de amarelo pálido, escorrido.

Tudo isso era o trem, trêfego e solene; ruidoso e apaziguante, áspero e dócil.

Vinha, chegava; partia.

"Café com pão, bolacha não...
Café com pão, bolacha não... "

Mas na verdade estava mais chegando do que partindo... Ainda hoje, em minha saudade, é assim.

REMÉDIOS ANTIGAMENTE

Pelos anos trinta persistia o aviamento de receitas às farmácias, aplaudida, por exemplo, a "Água Sedativa", qual a de Benevuto de Lima, em que se mesclavam amoníaco (30g), cloreto de sódio (30g), álcool canforado (5g), tudo deitado em meio litro de água distilada e indicada para compressas, a exigir o "agite antes de usar."

Outra fórmula antiga, especialidade da Farmácia Motta (com dois tês...), combatia as "afecções do ventre" e do estômago, e para tal à base de tintura genciana (O,5g), cerato de sódio (15g), essência de quina; idem, de hortelã (8 gotas) e magnésia fluida (na proporção 12/20). Receita do Dr. Araújo, a recomendar 1 colher de sopa, de hora em hora.

A fórmula mais aviada na cidade trazia o nome do médico Rufino de Alencar, administrada em pílulas. Fazia-se de alcatrão (5 cent.), extrato de alcaçuz (idem), pós de Dower (idem), Kernes mineral (idem) e igual porção de estriquinina de ópio.

E remédio de farmácia? .

Começo recordando a “Urotropina”, usadíssimo em nossa casa. De certa feita, quando minha mãe consultava-se ao Dr. Antônio Justa, médico da família, sugeri:

– Era bom tomar Urotropina.

O médico (morava na 24 de Maio), encarou-me aborrecido e respondeu:

– Não sei porque D. Isabel perde tempo comigo, tendo um “doutor” em casa...

Mas, continuando... Para acne, “Minâncora”; para combater a tosse, “Bromil’. Contra a preguiça do funcionamento intestinal, “Normacol”, que vinha numa espécie de latinha e era um monte de sementes puxando para o amarelo queimado...

E mais: combatia-se o reumatismo com “Linimento Belém”; a “congestão, estupor, resfriamentos, prisão de ventre, paralisias” etc., com “Jalapinhão”.

Já o “Cabeça de Negro” era poderoso anti-sifilítico.

Na esteira, para outras enfermidades, o “Digestivo Ayer”, o “Sal de Fruta Eno”, a ‘ Água Inglesa”, esta aconselhada a beber-se, ao dia, um cálice antes ou depois das refeições.

Importantíssimo o “Elixir Dentifrício”, segundo fórmula do Dr. Cândido Holanda. Anunciava-se como o “único preparado para alvejar e conservar os dentes.”

De comum o médico atender em consultório instalado em farmácia. Desse modo, na “Francesa”, davam consulta os Drs. Fernandes Távora e Bruno Valente. Na Mota, os Drs. César Cals, José Frota e Hélio Góis Ferreira. Na “Pasteur”, os Drs. Paula Rodrigues e Hermógenes Pereira. E na “Mamede”, o Dr. José Mário Mamede.

Mas a farmácia (ou medicina) doméstica mais usada, vinha da feira, e do quintal, como contei antes. Vivia-se mais? Não creio.

Mas não havia fila para apanhar ao quintal os talos do mastruço, folhas de cidreira, do malvaisco, e até de goiabeira – servia só as do “olho” –, infalíveis nas disenterias...

SALA DE VISITAS

Ah a sala de visitas!

Em residências, ainda que modestas como a nossa, da Rua do Imperador, era o acesso nobre ao seu interior.

Nela festejavam-se as datas memoráveis, noivados e batizados; e o dia da primeira comunhão.

E em contrapartida ali também se inseria a dor em casos de morte. As cadeiras e o sofá, arrumados a distorcer com as paredes. De acordo com a etiqueta, facilitava a guarda, ao extinto, pela família.

Os retratos – ah os retratos! – recebiam uma tarja preta, o chamado fumo. E se desse de haver a reprodução de algum quadro (pintura de comum mostrando os camponeses à hora do Ângelus...) logo recebia o sinal de luto.

Em momentos normais da vida a sala em verdade era o lugar especial para receber: E ali, como dei a entender antes, a família tinha o seu memorial: retratos prioritariamente de avós, os de tios não necessariamente, mas a toda certeza os dos próprios donos da casa...

Disse antes e reconto a miúdo, por agora: pelo final dos anos trinta as residências, quais em maior parte as da Imperador, prosperavam sob esse espírito clânico, rememorativo E a família só se desunia quando infringido o código de honra, a ocorrer indesejável tragédia de impertinente adultério, parente com parente.

Em moda a pintura praticada com pistola, as matrizes praticadas em papelão (imagino), geralmente figurando ramagens, flores e frutas. Mas havia padrões diferentes, acredito que para quarto de criança, quando nesse se espalhavam pelas paredes rostos de palhaços ou de carruagem tirada por parelha de cavalos.

Dessa época a irreverente (e talvez inverídica anedota) a respeito de conhecido ricaço da cidade (morava no Bemfica), a assumir a fama de sovina.

Tendo contratado a pintura pistolada da sala de jantar, deparou o pintor aplicando na extensão do pano o que havia de mais bonito e apetecente em maçãs e pêras.

Incontinenti, a evitar que pedissem à mesa as frutas caras, suspendeu o trabalho, recomendando:

– "Pinte coisa da terra... .Pitomba, macaúba..."

Na sala de toda casa, nos cantos, havia móvel que desapareceu. Espécie de aparador (uma cantoneira?) encompridada, de metro e meio, onde se colocavam uns suntuosos vasos prateados (de alumínio), sufocados por terríveis flores de papel crepom.

E sejam lembradas as almofadas, aplicação artesanal da dona da casa, e sempre figurando aos pés das cadeiras da sala, a modo de enfeite, mas em verdade o lugar de repouso (na realidade, dormitório) dos gatos, de especial a ocorrer em nossa casa, onde existia a Mimi, gata de pelo amarelo, tão viciada em carinho que, em chegando visita, logo partia para se lhe enroscar nas pernas, sensual.

O namoro ocorria nesse ambiente, a luz acesa, a porta da rua aberta – em linguagem coloquial, escancarada para refrescar. . . – e por ela entrando e saindo os vizinhos que não davam folga.

A sala também lugar apropriado para o desabafo de vizinhos, de mulheres que sofriam (e até apanhavam dos maridos); o parlatório para visitas de cerimônia, mesmo para quem vinha reclamar alguma travessura de menino...

Batia-se à porta – e aqui repito o que já comentei antes – e se dizia: "Oi de casa!"

Ninguém usava campainha elétrica.

O ESPÍRITO DA CALÇADA

A calçada hoje – gostaria que me entendessem – ficou mesmo do lado de fora; é da rua.

Mas por esses dias ora recordados, se não ficava “dentro” da casa, tomava-se dela, como natural extensão.

Quase na entrada principal de residências – assim em nossa casa em Pacatuba, depois em Fortaleza, em Mondubim etc., era área de desfrute mais valorizado do lar, lugar onde a família elegia para conversar com os vizinhos depois do jantar.

Então, em noites de luar havia como que o rejuvenescimento compulsório de todos. E de tanto relembrar, a essas horas, creio que também vinham passear ali alguns fantasmas, uns viajantes do etéreo, mortos, mas por esses dias não tão esquecidos (e abandonados) rapidamente como agora.

Dando de haver pouco movimento na rua (dizia-se “animação”) a calçada tinha clara e desejada a presença dos que a pisavam, o verdureiro, o padeiro, o primeiro às primeiras horas da manhã e o segundo, por volta das quatro horas, para vender o pão do chá.

Vinha em seguida o homem que vendia leite mungido à porta, a vaca dócil, indiferente à curiosidade infantil.

E não raro bater às portas o Civita daqueles idos, o vendedor de romances de amor, em folhetim...

Em Pacatuba, raro o passeio que não tinha os seus dignos representantes senis. Adultos setentões, mas impávidos jogadores de gamão... cantado. E em Fortaleza, na Rua do Imperador, rareando já os dessa modalidade de entretenimento, imperavam os parceiros para o firo e a dama; o firo riscado às vezes no próprio cimento liso da calçada.

Atente-se: durante anos existiu um entrosamente das pessoas com as calçadas, e, convém mencionar, por extensão, com a rua. Em verdade não havia ainda o conceito atual de calçada perigosa (de rua principalmente), perigosa e promíscua.

Podia-se por então dispor de seu espaço, generoso território em que os meninos marcavam com carvão o jogo da “macaca”, em que pulavam o “inferno”... para cair no “céu”. Desapareceu, resignemo-nos, aquele antigo sentido de posse: “Minha calçada”, “a calçada do vizinho”...

Evolou-se o significado de frases que só perduram, latentes, nos corações mais desafiados pela vida:

– “Bote as cadeiras na calçada...”
– “Chame os vizinhos...”

E não tardavam vir todos, os da rua e os de dentro de casa, cada qual com vezo próprio, para participar da grande assembléia ali instalada diariamente.

A sessão principiava logo depois do jantar (que tinha lugar por volta das dezoito horas), e prolongar-se-ia até alguém, a bocejar, chamar a atenção à hora e advertir: “É mais de nove...” Então as mães se apressavam, arrepanhavam os vestidos, e interrompiam a brincadeira dos meninos ainda entretidos no jogo da “melancia” ou da “manja”...

Ninguém compreendia bem por que as coisas simples, do coração, não precisavam ensinadas. Mas na realidade acontecia assim, todos os dias, esse caudal de vidas, de bons sentimentos que, afinados pelas mesmas emoções, sangravam em direção à rua, à calçada, permutando segredos, repartindo dúvidas...

A calçada – estou absolutamente convencido – entendia essa solidariedade vivencial, urgente e sábia. Sem ela, tenho certeza, não valia viver!

PEIXE FRITO

Na ordem dos cheiros apetitosos da cozinha há de se mencionar os bons odores, por exemplo, do peixe em ato de fritura, daqueles bem entranhados em minhas lembranças, uns desprendidos da caçarola, quando nela se fritavam as postas de cavala, indivíduo do mar, que, dos anos trinta aos quarenta, pontificava na preferência da cozinha de classe média.

Obedecido, nessas horas, um ritual de cuidados especiais: primeiro não se dever adquirir peixe de tamanho pequeno. Desse feitio, por cavala, alguns peixeiros vendiam a incautos a sestrosa serra, espécie não de todo desmerecente, muito assemelhada ao primeiro, mas fazendo prevalecer a preconceituosa idéia de ser um animal de bastante vermes.

Por isso só recomendáveis pelo tamanho, também, as postas de cavala, muito requisitadas à mesa, e nessa condição fritas. Descansavam em rasa travessa de louça branca, sobre folhas de couve, dispostas entre rodelas de tomate, o vermelho vivo suprido por fiapos de cebola, adrede preparados ao óleo, e douradas.

O peixe frito entra bem no paladar do autor e em sua já modesta literatura. Refiro-o em conto – "Ela era o seu lar ", história de viúvo a andar dentro de casa, ao tomar do trabalho, sentindo tudo aí demudado, asperamente vazio.

E entre as coisas e fatos sinceramente emocionáveis, escrevi frase agora relembrada: "Na hora do jantar, havia sempre uma surpresa: uma cavala frita..."

Braga Montenegro, de pouca afeição ao que eu fazia, além de escrever a respeito, repetiu-me várias vezes: "Seu Eduardo, aquele peixe frito, simplório, estragou o seu conto..."

Thomas Mann, vejo hoje em livro de Maria José de Queiroz, a relembrar "o romance entre Lotte e Werther", além de pôr na mesa também peixe... acrescenta a sopa com "pedacinhos de tutano..." Tutano, creio, mais vulgar que peixe frito...

Vá lá não fosse decente, ou de bom gosto, lembrar a cavala frita, mas assim, de postas bem desenhadas, eu a vi, anos a fio, em minha mesa, a um envolvimento que pode não ser literário mas muito importante para os meus instintos gastronômicos.

Ah, o peixe frito... principalmente os mais miúdos, talvez uns piabuçus, vendidos por então (sei que ainda existem) enfiados em longa embiricica, e dai desentranhados para o óleo e mais tem-

peros, na caçarola, e por depois "enxugando" a gordura em confiável papel de embrulho...

A começo do inverno, anunciado por profetas e não por cientistas, meu pai fazia vir de Pacatuba umas piabinhas pegadas em garrafa, por lá, engodadas na farinha grossa, caroçuda, a modo de isca...

Fritadas, haviam de ser, ou a melhor dizer, torradas. A farinha na boca, até quase atochar, favorecia o mastigar para disfarçar qualquer traição das espinhas... E em se tendo alguma dessas, engasgando, mais farinha e banana.

Pancada nas costas também fazia descer a importuna...

Depois das primeiras chuvas, pelo trem da RVC, de manhã (vindas de Pacatuba) não tardavam as traíras rechonchudas e de feição feroz. E aí entrava a arte da Raquel, preparando-as sob caprichos pessoais, as ditas escaladas, qualificação plebéia a querer dizer aberto pelo espinhaço, que assim o peixe ia mais fácil à boca, sem o risco de espinha traiçoeira, contundente... Tudo frito, e passado, e repassado em abundante farinha, ao óleo ou manteiga dourada, pois sim, lindo de ver e comer.

Ah, o peixe frito, sei, não me ajudou a fazer merecente meu lembrado conto. Mas me deu, hoje, a oportunidade de lembrar prato nobre de antigamente. Pelo menos sob tão modesta avaliação...

NOVIDADES ELÉTRICAS

Em 1936, The Ceará Tramway and Power Co., Ltda. anunciava pelos jornais e revistas de Fortaleza – como está no "Almanaque do Ceará" desse ano – a "vassoura elétrica", utensílio para o lar, "adaptável em qualquer tomada de corrente existente nas instalações elétricas domésticas."

Aduzia: "Limpa de modo admirável o soalho, sem empoeirar os móveis. "Onde está mencionado "vassoura elétrica", denomi-

nação da época, leia-se: aspirador de pó. Sob a noção de eletrodomésticos, a que por hoje já nos familiarizamos, existiam por esses dias (não em nossa casa desprovida de soalhos, na Imperador...) o refrigerador (geladeira), o tostador e na mesma situação o ferro de engomar. Todos movidos a eletricidade.

Dava-se acentuado incremento aos divertimentos sociais, existindo o Clube dos Diários (de sede própria, Palacete Guarani), Ideal Clube (ainda a funcionar na Av. João Pessoa); o Country Clube, Gentilândia Clube, Social Clube (agremiações mais modestas) e, pasme o leitor, o Ceará Rádio Clube, entidade "mantenedora da estação transmissora PRE-9, presidida então pelo Sr. Francisco Riquet Nogueira; e Sociedade de Rádio Cearense", que tinha a presidi-la o industrial José Diogo de Siqueira.

A radiodifusão engatinhava mas já se impunha à admiração da sociedade e intelectuais, como aconteceria ao poeta Filgueiras Lima a inaugurar-se nas letras com o livro Festa de Ritmos, em 1932. Em 1936 publicava o poema "Rádio":

Eis a maior novidade
o meu bazar de ilusões;
pelo rádio da saudade
falam nossos corações"

Na Rua do Imperador, pelos três primeiros quarteirões, ninguém conhecia a "vassoura elétrica", mas o Dr. Nazareno Pires, bastantemente envaidecido, exibia – raro na rua – o seu próprio aparelho de recepção radiofônica.

Na maior parte das casas, como na de meus pais, imperava a vitrola de corda, o usuário dando à manivela. E para não quebrá-la, contando mentalmente até doze rotações.

De certa vez, a fazer sucesso no quarteirão, tivemos em casa por quase um mês (por empréstimo de Antônio de Pádua Bezerra)

um gramo fone de gabinete, a tocar disco com anunciador informando tratar-se de “gravação da Casa Edson do Rio de Janeiro...”

A vitrola era menor, assim do tamanho de uma máquina de escrever, e tinha uso difundido.

A nossa tocava mais pelos fins de semana, ou aos domingos à tarde – a janela dando para a rua, e aberta, para que do lado externo pudessem ver e ouvir aquela maravilha...

Bonito assistir o movimento da agulha sacada do cabeçote do braço, a deslizar pelos sulcos gravados, e a música tomando conta da sala...

As agulhas podiam ser reutilizadas duas ou mais vezes, e as servidas (adquiridas em pequenas caixas de metal) acabavam aproveitadas por brinquedos, e ideais para espetar gato.

Quem não possuía vitrola podia apelar para a galena. Em quase toda casa havia pelo menos um desses rudimentares receptores de rádio, constituído de uma bobina (fio em espirais enrola das 120 vezes em pedaço de cabo de vassoura) e mais estilete, agulha para em riscando (ou tocando) o cristal, apurar a sintonia.

De complemento o artefato mais importante, o fone, ou simplesmente um auscultador de telefone.

Meu Deus! Eu ouvia, horas a fio, a Ceará Rádio Clube sem nem ao menos imaginar que haveria de iniciar nela a minha atividade profissional, desde 1944.

ABENÇOADOS DOMINGOS

Eram os anos quarenta, e por então já se ia atenuando; freqüência de visitas familiares. Em verdade a década anterior, que expirada em 1930, assistiria os últimos e os mais legítimos momentos da reciprocidade em matéria de afeição entre parentes.

Aos domingos, principalmente, dia não apenas de missa mas de batizado, casamento; e de almoço servido em ampla mesa posta em fundo de quintal, a se dizer sítio, animado convescote (eu ia dizer ágape...) transcorrente sob ensombrados de mangueiras e sapotizeiros, os mais vicejantes que já vi até hoje, abundantes de principal pelo Bemfica e Prado.

A gente adulta bebericava vinho, podia ser de jenipapo arte do~éstica. E as mulheres, endomingadas, provavam a degustar (aprovavando) as cambicas e refrescos servidos em profusão, enquanto as crianças pelos oito anos – em meu caso – iam correr à manja ou elucidar o esconderijo do "chicote-queimado", gritando:

– Tá quente... Esfriou... Esquentou outra vez...

Aniversário, em meio de semana, ia logo transferido, automático, para o domingo avizinhante.

E acudiam todos, gente que não possuía automóvel e adorava cumprir a viagem de bonde, a cem réis a passagem, contando não os grandes edifícios, que se não erguiam por então, mas casas reformadas ou em pintura nova.

Ninguém perdia a missa (a Santa Missa, assim nomeada...), oficiada cedo, cinco minutos depois da terceira chamada do sino, o que acontecia por volta das cinco e meia...

Não havia por esses idos a mania de praia; banho de mar só para quem carecia de iodo, ou para crianças, de coqueluche. A serra, a relembrar o sertão distante, importava mais. Ia-se portanto para Maranguape ou Pacatuba...

Mas o que valia mesmo era o aniversário de algum tio, presente a família, todos eufóricos contando mentirinhas domésticas, "comprei isso", "vou bem nos negócios...", "nunca mais tive doença"... Morrer, ninguém lembrava. Viajava-se para o outro mundo quando o corpo, exausto, tornava a morte um acontecimento não esperado mas justificado.

Eram (e foram mesmo) os dias de maior calor humano em família. As pessoas bem aprendidas ao catecismo recitado desde os sete anos. Amante, palavrão repudiado. Mulher não largava marido, era largada.

E quando a rejeitavam, adquiria o carisma de dama infeliz de folhetim. O rádio, ainda por vir, era o piano dedilhado (nem sempre suavemente) por prendada prima. E haja valsa, haja Ernesto Nazareth!

E se algum tio, muito instado a exibir seus talentos musicais, era capaz de tocar o inevitável dobrado: "Saudades da Minha Terra".

Pelas duas da tarde, depois do almoço, corria a bandeja (de flandres, decorada com passarinhos fazendo ninho...) Os mais idosos cochilavam e alguns, indiferentes a tudo, largados em amplas espreguiçadeiras de pano listrado, em moda, roncavam. E as mulheres?

A pretexto de retocar o ruge, juntavam-se todas no quarto principal, o do casal. Muito reservadamente – cansei de testemunhar sob a cediça desculpa: "quero ver a mamãe!" – botavam o baralho, as cartas embaralhadas e repartidas em cruz. Fingiam "descobrir" a sorte de cada uma; se havia promessa de dinheiro a ser ganho na Loteria, ou viagem próxima ao sul do país...

Mas a intenção era outra: pretendiam mesmo adivinhar alguma paixão proibida, suspeitada mas não flagrada.

Hipócritas! Sacrílegas!

Nem se importavam com a presença dos santos ali guardados no oratório de cedro, peça que, infelizmente, pelos anos cinqüenta, acabou desaparecendo da intimidade das alcovas.

O ORATÓRIO

A família unia-se pela fé. Vivia-se tanto na capital como pelo sertão em cercadura de convivência cristã, desde a figura do padre (muito respeitado) até o oficio da missa, atividade que pas-

sava antes pela participação das reuniões de irmandades, procissões, novenários e retiros, tudo revigorado pela oferta de santinhos impressos em cartões que circulavam a propósito de tudo, mas em interessa maior pelos dias de primeira comunhão.

Davam-se disputas, que tomavam conta da comunidade, em dias guardados pela Igreja, pois aspirada glória era ter a residência escolhida por "estação" (ou parada) de procissão importante e anunciada aos jornais. O desfile religioso caminhava sobre folhas e flores, e caíam as gentes de joelho, contritas, quando o Santíssimo passava...

Deus estava mesmo em toda parte.

Nos lares tinha presença obrigatória a partir da entrada do corredor. Aí, o "Coração de Jesus", em redoma faiscante, encimava a bandeirola.

No quarto reservado ao casal, como acabei de contar, o oratório. Agora acrescento: praticado em cedro perfumado, geralmente estruturado em duas secções, a superior envidraçada, a repousar na debaixo, espécie de mesa (qual plataforma) em que se encaixava a gaveta onde iam parar rosários, terços, santinhos, catecismos...

A parte superior povoada de imagens.

Em nossa casa, na Imperador, prevalecia intocável o oratório da Isabel Eduardo Campos, tia-mãe que me criou, e nesse, como já referi de outra feita, aos pés de São José e de Maria Santíssima, a dona da casa guardava também o troco da mercearia, e, às vezes, o décimo de bilhete da Loteria Federal, o esperado e nunca obtido prêmio da Extração do Natal, sempre indiferente ao fascínio das orações.. .

E pelos sertões?

Por lá, às vezes, o oratório demorava na sala de jantar. Pelo menos assim está retratado em romance de Gustavo Barroso, "Tição do Inferno":

"Era um armário de cedro, folha de papel azul picado de estrelas de ouro sujo, com uma cruz no frontispício e com os vidros duma das portas partido. Dentro, uma imagem grande de S.

Luís, rei da França, outra menor de S. Luís Gonzaga, o que mostrava a dúvida do dono da fazenda quanto ao seu verdadeiro padroeiro, ambos precisando ser "encarnados" (o.c., p.19). Havia mais Santa Catarina e também um S. Bento, "advogado" para acudir os de casa, da perversidade das cobras.

A nosso interesse dizer: quando as imagens, pela ação do tempo, desgastavam-se, necessário entregá-las a santeiro, pessoa apta em recompô-las, ato que se entendia por "encarnar".

Recordo aqui: o Pe. José Beviláqua, genitor de Clóvis Beviláqua, em 1816 – contei também de outra vez – foi acusado pelas páginas do jornal "Cearense", de não conduzir as imagens, para reencarnar, sob conveniente respeito...

Bons tempos. A televisão não era ainda o oratório da família.

AS COISAS DA GENTE

Coisa é tudo: o menor objeto, algo que se perde, um negócio qualquer, doença, bens da intimidade doméstica, e em termo mais abrangente a especulação subjetiva do enunciado: coisa e loisa. Até Camões, nos "Lusíadas" – (acode a ensinar o Caudas Aulete, dicionarista que sabe de tudo) –, cantou:

"Pela terra pregunta e coisas dela." 64

Pois bem, coisa é tudo e às vezes, de modo paradoxal, não é nada, e assim a coisa é medo, ou palavra escamoteadora a disfarçar doença indesejável, temida: – "Eu pensei que estava com aquela "coisa"...

O Satanás, nessa ordem de raciocínio, é coisa-ruim. E **coiso** é termo pejorativo para identificar o indivíduo desprezível. Mas quando dizemos: "Minhas coisas", na certa queremos referir (como

se verá por diante) até mesmo a objetos (desculpem a definição) mais heteróclitos. Há infinitos modos de mencionar o coisismo: “Bote uma “coisinha...”– “Vou ali fazer uma “coisa”– “Não era nada não, era uma “coisa”... “Deu a “coisa” nele...”– “Ele vendeu as “coisas” – “Não era coisa que você fizesse...”

Pode-se até admitir, sei que exagero agora, o verbo coisar no sentido de pensar, imaginar algo (coisas?) irrelevante, só para matar o tempo...

Coisas de minha mãe estavam sempre guardadas numa caixa de sapatos (da “Sapataria Veneza”): retratos de família, fitas verde-e-amarelas de atar diplomas, espelhinhos, alfinetes de segurança, o baralho. a chave do oratório...

Coisas de meu pai, diferentes, só de acudimento à sua atividade artesanal dos domingos: serrote, arco de pua, martelo, chave de fenda, alicate, pregos (da marca “Cabra!”), percevejos, pedaços de couro e papelão, óleo de máquina, pincéis etc., etc.

Todo mundo tinha coisas...

As de meu tio Galileu (Galileu Taumaturgo de Alencar), cordões dos mais variados tipos (barbantes etc) e papéis de embrulho, dentre esses os azuis que embalavam o pacote de macarrão...

Mas quem tinha mesmo muitas coisas, de todos os tamanhos e diversidade, era o poeta Gentil Augusto.

No dia 23 de junho de 1923, pelo jornal “Correio do Ceará”; em matéria naturalmente paga, ele anunciava disposto a vender “as coisas” que possuía: “Quadros, cadeiras, estantes, lâmina de cristal, cama, guarda-roupa, porta-chapéu, galo de briga, cavalo, jumentos, viveiros de pássaros, macaco, cágados, galo, rolas, juritis, papacus...”“

Esse Gentil Augusto, dono de tantas coisas – e não as nomeei por inteiro, pois era dono também de “cancão, patos, paturis e marrecas, arreios do cavalo, como muitas coisas que não vão em declinação”, – é autor de livro de poesia, “Elza”, onde inaugura, creio, a poesia erótica no Ceará, a louvar a amada qual “nova Iracema”, – como verseja –, tendo-a por dona de “seios pequeninos e sensuais” e que “se

alevantam vistosos na camisa...” e lhe tomam o corpo “de desejos animais”. Mas sua paixão mesmo é pela perna da amada:

“A grossa perna tem tal energia,
pelo delgado e curto tamanho,
em modelo de perna quase estranho,
que a mais mimosa perna desafia!

Sinto volúpia, sinto uma alegria
se com os olhos a perna lhe acompanho,
fico todo a comer-lhe e já me assanho,
tendo junto de mim tal companhia,

Sinto o desejo macho de pegá-la
e de beijar aquela pele fina,
vendo-a a torcer-se e assim, febril, gozá-la,

gozar essa mulher tão feminina,
e depois dos prazeres dessa sala,
eis casados, Gentil com Messalina!”

Coisa vem do latim, esqueci de mencionar. É causa. Mas em dicionário próprio só encontrei um! frase a interesse deste tema: **“Opus est ut causa rei restituatur”** (É necessário que se restituam os frutos da coisa).

Será que fiz isso, agora?

GALINHEIRO DE QUINTAL

Quem ia alugar uma casa, pelos anos trinta e quarenta, logo queria saber: “Tem quintal grande?” Em geral havia, e com razoável espaço para o situamento de inevitável galinheiro.

Dona de casa tinha de ser também “criadeira” de galinha – desse modo mencionado. Melhor dizer: de galinhas. Há de ser assim no plural, as todas penosas criadas sob mil cuidados e padreadas por imponente galo, capaz de dar conta de pelo menos vinte consortes.

Da construção do galinheiro cuidava naturalmente o chefe de família.

E se fosse qual o pai que me criou, o João, impunha regras especiais; a área do confinamento das aves deveria estar toda entelada, o portão de acesso com trava e cadeado, e não esquecido aí – e armado – o “pega-ladrão”, curioso e improvisado artefato ligado à noite, energizado naturalmente, pronto a disparar ruidosa sirene logo tocado por intruso.

Não se queria galinha preta. Dava azar. Preferidas por então as carijós, boas poedeiras, indicadas para melhorar a raça (e tinham?) da pé-duro.

Por esses dias ainda se podia ver, vendidas pelas ruas, as aves atadas pelos pés e mantidas dependuradas, malvadeza corrigida depois por postura municipal. Daí por diante, quem vendesse galinha havia de carregá-las em “capoeiras”, armações improvisadas com varas de mameleiro e cipós entrançados – prisão e transporte a um só tempo.

Ia esquecendo... No interior do galinheiro recomendado manter-se pé de pau. Goiabeira vinha a calhar... E aos galhos, encostada, a escada para acesso ao “poleiro” natural, ou “dormida”. Sucedendo de apertar a indesejável visita de ladrões, vinha providência especial: a construção de casinha onde, pela noite, mantinham-se prisioneiras os indivíduos do criatório.

Doente em casa e visita (hóspede vindo do interior) viravam desgraça de galinha. À mulher de resguardo podia faltar tudo menos a tradicional canja revigorante. E ovos, apanhados pela manhã, davam sua contribuição indispensável a fazimento de bolos, a ajudar bastante “completando” o jantar. Em algumas casas as

galinhas chegavam a. pôr até pelos dormitórios, mas era exceção. Se entravam em choco, iam de pronto ocupar não de raro um dos vãos debaixo do fogão de alvenaria, tocado à lenha. Aí permaneciam quietas, aninhando até doze ovos, precozidos, em arrumação sob práticas supersticiosas.

Ninguém comprava ovos em outras casas. Fazer desse modo era demonstrar incapacidade, desleixo de gestão doméstica. No máximo podia tomar por empréstimo um ou até dois ovos à vizinha: “Olhe, depois eu pago...”– “Deixe disso, mulher! É de graça...”

Não havia ainda ovo de granja. Nem se falava em ração balanceada. Galinha comia xerém ou o próprio milho e mais restos de comida e cascas de frutas. Adoravam bicar casca de banana.

Na Rua do Imperador, por esses idos, não comum dormir até tarde. Podia-se? Cedo, antes mesmo de clarear o dia, já cantavam os galos, acordando a todos. Alucinante a disputa sonora, e ninguém – convém admitir – se animava a reclamar esses cantores madrugadores, pois era jogo – jogo e prazer – identificar que aves cantavam em tom mais clangoroso..

“É o galo do “seu” Leão! “– “Esse mais perto é da vizinha da esquina...” – “Falta o galo do “seu” Cavalcanti ...”

Galinha com gogo movimentava os conhecimentos e a medicina de toda a vizinhança. Se dava em bicar tudo que encontrava, merecia limado o bico nem que fosse esfregado em pedra... ou queimado, como alguns recomendavam, com ferro esbraseado. Mas danado mesmo, por incomodar as pessoas da casa, era o cafute. Cafute ou pixilinga?

Até hoje nem sei dizer nem escrever... Mas ainda ouço bastante nítido o canto dos galos da Rua do Imperador Nunca param de me despertar...

OS VENDEDORES DE RUA

Fortaleza ainda estava em seu ninho, a se emplumar qual cidade de pouco mais de cem mil viventes. Caixeiro não era comerciário, na acepção de qualificação para muitos. Nem existiam supermercados, mas só bodegas, umas tantas mercearias de pouca variação comercial. Grandes espaços para comércio, só os do Mercado Central e do Mercado de Feero (da carne). Demorou bastante, por exemplo, chegar o primeiro supermercado, o Sinos, inaugurado anos depois, na 24 de Maio, em 1963... Prosperou pouco.

Na década de 1930-39, o comércio estava na rua, prioritariamente o que atendia às donas de casa, sobremodo felizes, creio, por poderem comprar verdura, leite, pão, carne, frutas etc., etc. Tudo em ritmo de negócios feitos à porta, com ampla liberdade de escolha, o que acontecia desde os primeiros clarões do dia, a começar pelo padeiro a carregar a mais perfumada das olorosas cestas de pães...

E que prosseguia, por diante, com o verdureiro, que outro não era senão o cidadão montado em burro ou jumento, a alimária carregando dois caixões cujas tampas soavam sob as batidas de chiqueirador .

Elegia-se a rua de morar mais tempo pela freqüência desses indispensáveis vendedores ambulantes. “Passa carniceiro? “– “E verdureiro, tem também? e bom? “– perguntava-se aos moradores da rua, futuros vizinhos.

Algumas vias públicas, qual a do Imperador, chamavam a atenção pelo mercado intenso nela estabelecido, vamos dizer, “de passagem”. Não faltavam, por exemplo, negociantes de frutas, o vendedor de pitombas, essas em quantidade, e mais amarradas em cachos, e carregadas em tabuleiro ou balaio. E nesse rolos comerciantes de cajás, macaúbas, atas e mangas.

E pela tarde, quando alguém podia imaginar extinguido o comércio, eis surgindo, anunciada pelo soar de chocalho... a vaca

de leite, sim, era o leite mungido disponível à porta (sei que me repito, mas explico melhor), o animal puxado pelo leiteiro encarregado também de extrair e vender o esperado alimento ainda morno, borbulhante, e apetecente.

Ia-se para a calçada, a esse instante, empunhando o copo de alumínio, com ou sem açúcar, e mãe recomendando:

– "Não deixa fazer espuma..."

Nessa faixa horária do dia percorriam as calçadas os vendedores carregando tabuleiros com deliciosas cocadas largadas em papel-manteiga ("branca ou queimada? "); e bolo de milho, pamonhas e até canjica servida em pires... Seguiam-se-lhes os mais variados vendedores, mulheres também, a ofertar tapioca, pirulito, chegadinha, algodão-doce. Algodão-doce...ou japonês?

Agora vem a vez do peixeiro... Andava rua acima rua abaixo pisando a areia, a apregoar biquaras, cangulos e até cavalas... Não de raro estacionar defronte de nossa casa, e ali mesmo, na calçada, "tratar o peixe" (como referido), a significar "limpar", trabalho de evisceração a cometer inveja às cozinheiras.

Existiam também outros tipos de vendedores que percorriam a rua, e dos tais o mascate – como pormenorizei antes – e mais conhecido como o "homem da prestação", ou simplesmente galego. Tinha acesso às residências com o seu mostruário nutrido de vidros (dizia-se" frascos" de cheiro); meias, cintos, caixas de pó, talco, fivelas, pentes e até pintura (de preparo doméstico) indispensável ao tingimento de cabelos brancos.

E mais de raro, só a andar pela rua a cada quinze dias, o vendedor de folhetins. Trazia-os em maleta de couro, vistosa, o mostruário de sonhos românticos, espécie de novela de rádio daqueles idos, quando a radiodifusão, em Fortaleza, acabara de se inaugurar com a Ceará Rádio Clube.

Tenho dessa época os fascículos, a exemplo, de Arsênio Lupin, vendidos em 1910 a trezentos réis, quando vieram a público pela primeira vez, e desde então reeditados.

Havia, para meninos o "Buffalo-Bill"; para os adultos, cavalheiros: "As Aventuras de Sherlock Holmes".

E para as damas – inclusive cozinheiras alfabetizadas qual a Raquel –, venturosas e adocicadas histórias de amor...

OS VIZINHOS

Vizinho, em conceito dicionarizado, quer dizer quem mora ou estar perto. Mas houve tempo, o dos verdes anos como costumo mencionar, que o significado prevalecia abrangente. Desse modo vizinho era entidade humana cheia de afetos, a estar sempre perto de nós, a partir do percurso até a parada do bonde, e no veículo, no tabuado duro do banco, em tradicional permuta de amabilidade: "Deixe, pago sua passagem hoje..."

O mau vizinho, exceção. A sentença antiga, em trânsito na voz dos pedintes à porta – "Deus te livre da praga do mau vizinho! – funcionava só de raro em raro. Desnecessária campanha em favor da fraternidade, que muito difícil o relacionamento de vizinhos, no quarteirão, desfazer-se com a mudança de um desses para outra rua.

As próprias casas, parede-e-meia, aconchegavam. Na verdade proporcionavam o relacionamento grupal, clânico. Dessa forma, os dramas de cada um faziam-se de todos, generalizados por adoção. E assim persistia a solidariedade tanto nas alegrias como nos momentos desditosos. Pela porta da rua – ás vezes apenas encostada para não entrar cão – vinham acudir os mais íntimos com direito a demorar na sala de jantar ou na cozinha.

A sala de visitas, imaculadamente guarnecida de retratos do clã (a família, que ia morrendo, não desaparecia com a pressa de

agora. ..) relembrava os entes queridos, convocados por Deus; o lugar de cerimônia para acolher parentes e pessoas importantes, de pouca convivência... mas não estranhos.

A calçada – como informei anteriormente – era também espaço doméstico tão importante quanto o fundo de quintal. No espaço do último, empreendia-se a permuta de pequenos obséquios, o pedido urgente de uma colher de sal, ou de colorau, ou de arroz, pois guardado restava emboloado...

Fundo de quintal também gerava problemas, quando o sítio para alívio às necessidades pessoais e intransferíveis, era ali. Não faltava menino travesso para "brechar"– aceite o leitor essa plebéia definição – quem, com pouca roupa, ia valer-se do "trono", ou a ultimar apressado banho. Exagero? Creio que não. Em 1895, Xavier de Castro (contei antes em livro) retratou cena desse tipo em delicioso cromo:

"O sol há pouco sugira:
Ela vinha do quintal...
Assustou-se, maio vira,
E ocultou-se no avental..."

Era prática, quase generalizada, existir um poço (cacimba) situado no encontro dos muros ao fundo do quintal, a serventia não de raro compartilhada por quatro famílias. Ai de quem jogasse nágua papel, pedaço de corda, lata velha, qualquer coisa!

Os Mandamentos da Lei de Deus bem que podiam ser alterados para melhor conveniência dos que viveram àquela época. Proibido mesmo não era desejar-se a mulher do próximo, mas... a mulher do vizinho.

Quem flagrado fosse nesse impedimento moral, tinha de arranjar quanto antes outro lugar onde viver, sair em mudança definitiva. A parceira do delito, mesmo presumivelmente pivô do

drama, tinha a culpa diminuída, figurando no diz-que-diz como vítima. Tudo à conta de fragilidade da mulher...

A vida em apartamento liquidou de vez com o conceito de vizinho. E nesse novo estilo de vida não há mais o desfrute e fundos de quintal, nem cadeiras na calçada. Essas, por hoje, já são raras até em cidadezinhas, onde o vizinho idoso já não persevera na .animação de uma partida de gamão "cantado".

O DIABO DESPRESTIGIADO

Por mais que o temêssemos, o Diabo andava sempre bastante requisitado por nós, meninos dos anos trinta aos quarenta. A palavra diabo, interditada no vocabulário teológico, não nos faltava, pois a toda hora havia um "diabo!" ou um "que diabo!" proferido de modo irreverente até perto de pai.

Por hoje já não se ouve tal interpelação interjecional – se permissível expressar desse modo –, que para tudo os mais jovens acodem com "porra!" ou "droga!", circunstância a me fazer crer ter-se atenuado em muito a intimidade brasileira com o Capiroto, graças naturalmente à vulgarização do pecado, da prevalência material que toma conta da sociedade, a ponto de a entidade demoníaca não mais perseverar.

Pelos meus idos, os de uma infância radiosa, tinham trânsito as mais deliciosas histórias a envolver a figura do Senhor das Trevas, e das tais, a me agradar mais a de festa onde dançarino exímio, que a todos empolgava – autênico "pé-de-valsa", como se menciona – fazia sucesso. Mas, a um repente, meninote curioso chamou a atenção de sua genitora: "Mãe, o homem que está dançando tem o pé de pato!"

Era o próprio Satanás.

Esse breve episódio anedótico foi ingrediente preferido nas conversas de minha família, toda vez que alguém pretendia confirmar as artes das crianças, muito atentas às coisas e aos fatos:

“Olhe, todo menino é danado! Foi um menino quem descobriu ter o Cão pé de pato!”

O Diabo, por esses dias, tem realmente uma figura da mais alta importância. Tanto que chegou a ser escolhido por tema de aplaudida conferência literária pronunciada, no Rio de Janeiro, pelo poeta Olavo Bilac, e inserida posteriormente em livrinho de capa azul, editado pela Livraria Francisco Alves.

Interessantíssima essa peça literária do poeta civilista. Aí vai inventariado o número de diabos, em tal quantidade que assusta: – 44.635.569!

No mesmo lugar igualmente narrado que pelo século XVI, um diligente e respeitável bispo vienense, por valimento das artes do exorcismo, só de mocinha de 16 anos (imagine tivesse mais idade!) “extraiu 22.625 demônios”.

O Rei Salomão – continua com a palavra o poeta – prendeu em certa ocasião, “dentro de uma garrafinha de vidro... 522.280 diabos”. Belzebu tem (ou tinha) milícias a seu dispor para atacar a incautos, cada uma dessas com 6.666 legiões... e igual número de diabinhos combatentes.

Os demonógrafos aceitam esses quantitativos sem relutância. Para eles, como para conhecido pesquisador do século XV, se “para cada feiticeiro há dez mil feiticeiras”, qualquer número exagerado de cape-tas é perfeitamente aceitável.

Gustavo Barroso, em livro de agradável erudição (“A Inteligência das Cosias”, Anuário do Brasil, Rio, 1923), considera de modo judicioso que “ao aproximar-se de nosso tempo a decadência do Diabo vai-se acentuando”. Escreve: “Aburguesando-se na maneira e roupagens, (o Diabo) perdeu cento por cento de suas qualidades e encantos, caminhando ligeiramente, já por então (1923) para o túmulo.

E anota por diante que o Tinhoso vivia desprestigiado, cercado de alcunhas quais Cornudo, Unha-Volta, Tição-Negro, Pedro Malas-artes etc.,etc.

Não sei até onde alcança, acertado, o pensamento do ilustre escritor, mas estou cada vez mais convencido de que o Diabo (a imaginar pelos parâmetros de minha distante infância) vigora atualmente de modo vergonhosamente tímido...

BRUXAS E SOLDADINHOS DE CHUMBO

Minhas primas, ainda que morenas, alinhavam-se sestrosas e de "cabelos louros". Mas menos fingidamente tintados, aplicavam ao penteado – quase sempre alongado – umas tantas fitinhas ou delicadas fivelas que brilhavam à luz.

De madrepérola? Seriam?

E brincavam com "bruxas", pois o celulóide era caro, estava aparecendo por então, e as bonecas de mercado (vendidas ao Mercado Central), via de regra ofertadas em cestas de cipó quais frutas ou produtos de consumo imediato, satisfaziam a sentimentos maternais que pareciam despontar cedo.

E haja "bruxas" de pano, de todos os tipos: compridas, atarracadas, baixinhas mesmo, ou gordinhas, umas de rosto redondo (tipo "bolacha fogosa"), praticadas em tecidos de várias cores, a exibir exagerados olhos de conta de vidro ou de sementes, e a boca. .. nem me lembro mais! Ás vezes, posso acrescentar, nada mais nada menos que um ostensivo risco vermelho, exagerado.

Não de raro vendidas para servir de enfeite, de vezo exibirem uns colares, contas e mais contas enfiadas em linha de carretel, algo assemelhado a recursos de fantasia de carnaval, para chamar a atenção.

Boneca não dizia "mamãe", não fazia pipi como as de hoje, capazes de parir bonequinhas... (Nem enfeitadas de sexo, como as que chegou a ver Pedro Nava). Sendo de celulóide, eram todas bastante parecidas e graciosas. E mais: movimentavam os braços e pernas, uns e outros articulados por uns elásticos que se viviam rompendo.

Menino de meu tope, o que se deve ter por volta de dez anos, brincava diferente: formava batalhão de soldadinhos de chumbo, e ao ensejo, prendendo à boca uma ou outra peça, o que valeu descobrir-se depois o risco de intoxicações prejudiciais à saúde.

Desse modo não demorou proibida a venda dos admiráveis soldadinhos, alguns impecavelmente pintados...

Substituindo àqueles, por sua nocividade às crianças, vieram os de flandres, os chamados soldadinhos "Flit", o nome tirado da marca de inseticida mais vendido à época, usado nas residências para pulverizações com bomba própria. Quem adquiria a lata do preparado, ganhava a oportunidade de receber, de graça, o tal soldadinho para o filho.

Famosos por esses dias – narrei atrás –, os brinquedos de corda vendidos pelo Bazar Alemão. Feitos pelos germânicos? Os Estados Unidos não eram fortes na fabricação de brinquedos, vindo na ponta tedescos e ingleses.

A loja abria suas portas em edificio situado à Praça do Ferreira, 'ao nascente, onde hoje, creio, se localiza a Livraria Alaor.

Profusos os balões de encher (de soprar, entenda-se); os apitos, as cornetas, os tambores, os cavalinhos de pau, improvisados em talos das palhas da carnaubeira...

o resto, todos sabem: corrupios, patinetes, castanhas de caju (para a brincadeira do "pé de castelo"), latas de leite em pó, vazias (para fingir telefone ou, amarradas por barbante, em que se assentava os pés, a pisar a calçada a ver casco de cavalo no cimento, toc-toc...); e botões, e botões, e botões... e saudade!

Ah, como dói recordar! Mas que bem faz!

O TREM

Movo-me pelo pátio interno da velha estação Prof. João Felipe, que, mais animada antes e cheia de ruídos, e pregões, cha-

mou-se simplesmente Estação Central. Rememorei-a várias vezes, a expressar minha intimidade com a antiga e movimentada gare, ponto de embarque e desembarque nas viagens empreendidas por minha família até Pacatuba... e de lá para Fortaleza, de retomo para a Rua do Imperador.

São onze horas da noite, e engolida pelo tempo perdeu-se por completo – e é com pesar que escrevo –, a dignidade de tão respeitável estação ferroviária.

Ao derredor do edifício, que por agora parece acachapada, pernoitam homens e mulheres, gente do povo que veio de longe aguardar o embarque do trem de passageiros (já raro...) que partirá ao outro dia. E pelos espaços disponíveis vão-se amontoando coisas, gaiolas, cestas, baús, a figurar o que imagino o preparativo para situar alguma feira-livre.

A mulata, com meneios de estrela de filme italiano, mas sem a opulência generosa de seios, liga o radiozinho de pilha, o aparelho entrando pelo ouvido, mas sem escamotear para ela o som disparatado, capaz de incomodar a cinco metros de distância.

Aí, pelas tardes, em anos passados, acompanhando o Nirvando, filho do Sr. Jáder Soares Pereira – agente de primeira classe da Estação Central –, deixávamos a Rua do Imperador a aproveitar as regalias que ambos tínhamos de ir e vir no interior do prédio, a avançar pelos portões, e até demorar perto de locomotivas, e sentir, desfrutada e bem desfrutada, a intimidade do trem, que se nos afigurava entidade também humana e realmente fundamental.

O trem, por esses dias, era o correio do comerciante e dos namorados. E também o próprio jornal, que acondicionado no carro-de-bagagem, em cada estação ia-se largando às dúzias, com suas notícias do quotidiano.

Fazia moda o jornal. Até posso admitir que logo se habituavam todos a mesmo ritual: “Está na hora do trem. Manda o menino comprar o jornal do dia...” Davam-se tragédias?

Sim, e maior que as provocadas por trem, impossível. “O trem virou na entrada do corte...”– “O trem passou por cima do homem...” Em rigor só o trem fazia vítimas com dimensão de catástrofe.

Por esse tempo, que vai longe, automóvel não virava; só trem, a restar de rodas para cima. E quando acontecia, logo o pasmo aumentava as proporções da tragédia: “Um desastre de trem!” Simples a frase? De modo algum. Maneira de dizer... Virou ditado.

Tinha coisa maior, mais dramática? O comerciante dizia:

“Pego o trem, vou para Fortaleza!” A moça anunciava às amigas: “Vou de trem até a capital, na próxima semana...”Em tudo, de tudo e para tudo, a linguagem infalível em moda: “Vou de trem – pego o trem – vou indo de trem – o trem não veio – o trem não partiu – o trem deu o prego...

Trem-trem toda vida, a despertar nas pessoas uma considerável gama de motivações sentimentais.

Mas preciso conformar-me aos novos dias, melhor dizer: ao novo trem. Já por agora máquinas não apitam, buzinam. Foram-se as locomotivas esfaimadas por lenha, a tomar metros e mais metros cúbicos de paus em paradas como a de Baú (João Nogueira), devastadoras do ecúmeno. Antes, perseveravam somente locomotivas heróicas, figuras hercúleas mas agradáveis de ver, maquiadas de preto, reluzente preto a me fazer crer azul fechado.

Mas agora, há máquinas “Diesel”, abomináveis, às vezes uma à frente do comboio, e outra, na retaguarda, para reforçar o deslocamento dos carros em fila.

Não há mais a fisionomia exemplar do passageiro de ontem, orgulhoso de conduzir a toalhinha de rosto, de rodilha ao redor do pescoço, a livrar fagulhas e poeira... E debaixo do braço, e talvez nesse ponto o cronista exagere, protegida a lata com o de-comer da viagem, de comum galinha assada e afogada em farinha caroçuda, nutrida em farelos de ovos estrelados, e bem temperada...

O passageiro de hoje anda desconfiado. Um desamoroso. Utiliza-se do trem só pela utilidade circunstancial. Nada de afetos, de passar a mão nos bancos de palhinha, ou nos que se forram de lona clara, asseada. Nada de rememorações, e confidências, e elogios a essa ou aquela vagem. ..

Onde botaram o cheiro de frutas que se acomodavam em sacolas, umas, autênticos urus de boca aberta, escancarada, pois vinham abarrotados de coisas deliciosas?! Onde o odor de queijo de coalho, fresco, elaborado em alguma casa de fazenda, boa de se morar nela a vida inteira?

Onde os rostos empoeirados, alguns até mesmo tisnados, mas de olhos arregalados, e contentes, olhos que não se cansavam, na viagem, a ver pontes de ferro e rios... Esses com água, bastante água pelo inverno, a prosperar o orgulho e admiração em quem cultivava o sertão no próprio coração.

Da Rua do Imperador podia-se ouvir o apito das locomotivas manobrando. Em noite de ventos frescos, mas encalmados, possível escutar até mesmo o disparar da cigarra elétrica da Estação Central a anunciar a partida próxima do Pl, que significava Trem de Passageiros ... subindo, demandando o interior do Estado.

No quarteirão em que morávamos, praticamente o primeiro da rua (pois o que o antecedia era menos de meio), honrava-nos com suas presenças dois admiráveis ferroviários: o Inspetor João Brígido e o maquinista Victor. Esse, como relembrei em minhas memórias de infância e adolescência, grande contador de histórias, impecável na narração de desastres de trem. . .

E o inspetor, bondosíssima criatura, tratado na rua como se fosse – preciso comparar – a comandante de avião, desses que entram para a cabine puxando a fila de comissárias de penteados que nunca se desmancham.

Depois do inverno não faltavam “lembranças” trazidas por ambos. Tinham o prazer de repartir o que compravam à margem da ferrovia, em cada parada de estação.

De “seu” Victor, a Isabel Eduardo, minha mãe de criação, ganhava sempre delicada cestinha de cipó, abastecida com uvas pretas adquiridas em Baturité. O homem recusava o pagamento, conquanto a Isabel insistisse:

– Assim devolvo a cestinha... Devolvo mesmo...

Devolvia não.

MANEIRAS DE DIZER

Pelos meus passados da Rua do Imperador, quando eu devia de andar por volta dos dez ou doze anos, prosperava um vocabulário de circunstância, apropriado tanto por crianças como por adulto!

Desse modo mencionado, e todo feito de palavras que por então não estavam ainda dicionarizados.

Pelo menos só as localizaria, por diante, muito tempo de pois, pois não as pude encontrar ao dicionário organizado por Gustavo Barroso, sobre o qual, mais à frente, perseveraria o “Aurélio” (e naquele baseado como querem alguns), roas só pelos dia: atuais, a explicar a maioria das minhas dúvidas.

Vejamos ao que nos interessa por agora.

“Tubança”, por exemplo, era vocábulo a designar não o caldo de suco de caju e fragamentos de castanha assada, como anota o Aurélio, mas pessoa que – pelo menos para os daquele: dias – caminhava desequilibrado, aos tombos.

O ato de alguém sentar-se à mesa, sem convite, e esgalamido sem a menor cerimônia logo a se servil- de tudo que ali posto, era c que se entendia por “atolagem”, o termo a significar por certo “atolar” o mesmo que se exceder alguém no uso de alguma coisa.

“As areias.”, quando mencionadas em frase, davam de pronto e na exata o situamento de área urbana desassistida, lugar de possíveis malfeitores, por onde, como comentado à boca pequena, os

crédulos iam dizer em voz alta a Oração da Cabra Preta. “Das areias” fluíam em maior porção as ocorrências policiais da época, principalmente agressões a bengaladas...

“Fuampa” (no Dicionário do Aurélio está escrito fuamba), era e é palavra chula própria para denominar mulher de rua, isto é, meretriz, indivíduo feminino de baixo merecimento social.

A propósito possível especular agora, data vênia, de acordo com o **“Lexillelo”** (v. III, p. 113), onde aparece a palavra “fuã”, feminino de fuão, “contr. de fulano”. De fuã..., creio, chegou-se a fuampa, o que acabou por nomear mulher sem identidade, rapariga, mundana, em caminho bastante curto..

Na proximidade do assunto, convém mencionar: rapariga também ia chamada de “quenga”. E “fiote” (vocábulo qual o primeiro citado já dicionarizado também) assentava bem quando alguém saía à rua, de cabelo empostado de brilhantina, e metido em roupa domingueira.

“Empiriquitado”, outro vocábulo daquela época, e nem sei se o escrevo corretamente. Termo dito a modo de aleivosia, e mais ontem do que hoje aplicado em mulheres que indo passear, às compras (na verdade, “ao mercado”), atocham-se de enfeites e de ordinário metidas em vestido de cor aberrante.

Era o mesmo que dizer: “É ver um piriquito!”, naturalmente por lembrar esse psitacídeo muito comum nas casas, à época (e ninguém dispensava também o papagaio) e com penas de intenso verde.

“Piloura” significava desmaio de menino. Em adulto é mesmo desmaio, síncope. Raro o menino, indo à Igreja do Patrocínio, para adorar o Santíssimo, não perder os sentidos, “dando uma piloura. “

Fim. O que era doce... acabou.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1 – William J. Fielding – “Estranhos Costumes de Casamentos da Arte de Fazer a Corte”, Editora Assunção Ltda., SP, 1946, p.272.
2 – William Graham Sumner – “Folkways: Estudo Sociológico dos Costumes”, t. 11, Liv. Martins Editora, SP, 1950, p. 449.
3 – o.c., idem.
4 – O.c., p.450.
5 – Michel Pastoureau – “No Tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda”, Cia. das Letras, SP, 1989, p. 149.
6 – idem, idem.
7 – idem, idem.
8 – idem, pp. 151,152.
9 – Emma Williams Gill – “Palestina e seu Hóspede”, Rio, 1948, p. 10.
10 – idem, idem.
11 – idem, idem.
12 – idem, p.13.
13 – idem, idem.
14 – William J. Fielding, O.c., p. 273.
15 – idem, p. 274.
16 – Gérard Vincent, O.c., p. 352.
17 – Idem, p. 353.

SEGUNDA PARTE
MEMORIAL DE AFEIÇÃO

O SOLDADO: SEU PERFIL E SUA DIMENSÃO

O cavalo promove o guerreiro e propicia a diferença em tudo, a começar das regras de vassalagem, como acontecia na Idade Média.

Quem tinha animal de montar, e não queria servir ao exército, obrigava-se a pagar o que chamavam seutagium, que quer dizer taxa de escudagem, ou em outras palavras, nada mais nada menos que o "resgate do servitium militare ".

É como narra Ganshof em suas apreciadas lições, para explicar o funcionamento do feudalismo.(1)

Por isso na "xácara do Cego Andante", de ancianidade medievalesca, como ainda se pode ouvir pelo Maranhão, corre interpolado na poesia um verso do romance "D. Boso":

"De espora no pé e espada na mão" (2)

E no primeiro romance peninsular – D.Barão – também em versão brasileira recenseada por Antônio Lopes, em 1948, nas terras timbiras, o cavaleiro que se propõe ir à guerra, que estrondeia em Campos de Aragão, canta:

"Dai-me armas e cavalo, serei seu filho varão"

O cavaleiro era ela, a filha do Conde (3), um nobre que, no romance, já passara da idade de guerrear. E, ainda por cima, não tinha filho para "pelejar em seu lugar".

Por isso a filha donzela pedia:

"Me dê armas e um cavalo, serei seu filho varão."

Mocetona desinibida e corajosa qual Jovita Feitosa, que sob o sol nordestino transmudara-se em homem, e de cabelos cortados rente, queria ser soldado, para lutar pela Pátria.

Descoberta a sua identidade, a valente e decidida rapariguinha de “dezessete anos de idade, de tipo índio, natural dos lnhamuns”, de tanto insistir acabaria incorporada a tropa, ao 2º Batalhão de Voluntários do Piauí. Por onde passa, de viagem no “Tocantins”, a nossa guerreira recebe homenagens; assim em Pernambuco, onde um poeta do povo, louva:

“O que me espanta é a força
De um feminil coração
É ver um peito de corsa
Brio, valor de leão!
E sob a forma delgada
De uma mulher delicada
Ver uma alma alimentada
No fogo de uma explosão!” (4)

“Me dê armas e um cavalo, serei seu filho varão” parece também pedir Maria Quitéria de Jesus, que se transforma em soldado-homem para ir à luta pelo seu chão, pelo seu reino, por tudo que já quer dizer Pátria.

Tal qual a Maria Francisca da Conceição, que na batalha de 3 de novembro de 1867, em Tuiuti, narra o Gen. Azevedo Pimentel, “arrebata os homens, aos quais não cessa de dizer, com o .sorriso das heroinas nos lábios:

“– Aqui está Maria Curupaiti! Avante!”

Quando partiam os guerreiros, em companhia de el-rei, na Idade Média, as mulheres saudosas (e apaixonadas), a gosto de recordar o amigo, – a frase é verso antigo, – cantavam cantigas trovadorescas qual a de João Zorro:

“Os meus olhos e o meu coraçon
E o meu lume foi-se com el-rei.” (6).

A partida do cavaleiro-soldado tem um quer que seja de romântico. É aclamado vivamente do alto dos castelos, em seu desfile para a luta, imagem que se perpetua até perto dos nossos dias, como se vai ver ao poema “Relato da Batalha de Concord e Lexington e da Cavalgada de Revere, há vinte anos atrás”, recitado na América do Norte para celebrar a figura de “mensageiro revolucionário” em sua árdega alimária:

“Não poupava o cavalo nem o chicote nem as esporas,
Quando galopava através da lama e do todo,
Em nada pensava senão na “liberdade”. (7)

O cavalo ajuda a fazer também a trajetória do guerreiro brasileiro.

Pelo século XVIII, no interior do País (em São Paulo, mais precisamente) “havia dragões a pé e a cavalo, bem como cavalaria auxiliar.” Desse modo informa Gustavo Barroso na sua “História Militar do Brasil”:

“Os dragões, creados pelo rei Gustavo Adolfo e pelo marechal de Brissac, adotando uma designação que vinha dos dragonários romanos, sempre foram infantaria-montada.” (8)

Não se tinha, entre nós, a figura do soldado treinado e, por extensão, disciplinado. As Ordenanças, que completavam os regimentos e os terços da época, acabavam formando “uma como terceira linha, nelas se acoutando os que fugiam ao recrutamento dos terços – torna a escrever Gustavo Barroso e a exarar este fulminante julgamento:

“Essas tropas possuíam mais oficiais vistosos e inúteis do que soldados disciplinados e capazes.” (9).

Não existe um bom soldado sem o sentimento de defesa da Pátria. Esse sentimento, conquanto ainda de modo embrionário, tem curso de 1831 a 1840 no Brasil, quando eclodem "nada menos de quinze revoltas políticas regionais fora da capital federal." (10).

Sem o princípio da legalidade da união e da paz entre irmãos não pode prosperar o bom soldado.

Acudia bastante razão ao Gen. Castello Branco, quando, na oportunidade em que, em discurso alusvo ao soldado, definiu-o ligado à sua gente e à sua terra: "O homem que serve nas fileiras e se transforma em combatente não um desgarrado da sua gente e de sua terra. Depende do espirito nacional e do lugar de onde veio." (11).

Na balaiada, por exemplo, que durou no Maranhão de 1939 a 1841 – na qual teve papel decisivo o então Ceio Luís Alves de

Lima e Silva –, esplende este julgamento dos pósteros: "Pela primeira vez na história do Brasil independente uma figura militar assumia um papel político principal – ainda que temporário – e ainda com o beneplácito do regente (então Diogo Antônio Feijó), que regia ~m nome do Imperador." (12).

Para Henry Hunt Keith, de quem tomamos essas palavras, tem-se por então, na pessoa de Lima e Silva, o advento da vigência da figura, como propõe, do "fiel soldado-salvador" a se desdobrar "ad posteriori", na consolidação do Regime Imperial, dando-se por diante, em desdobramento e em aperfeiçoamento, na "metamorfose do leal soldado-salvador", que, por certo, em dado momento, passa a ser o soldado-salvador como presidente, ou soldador-purificador, na ação política (o que acabará ocorrendo de 1910 – 1914), até o surgimento, afinal, do "novo soldado-salvador" dos dias que preludiam a Revolução Nacional.

Nesse exato contexto histórico impõe-se o soldado-comandante, o grande condutor de homens que, animado de excelsas virtudes cívicas, tem sob seu comando a figura expressiva do soldado corajoso e probo, aquele que, ao longo do tempo, em qual-

quer exército que se preze, insere-se também pelo seu heroísmo no reconhecimento de seus concidadãos.

Soldado, sem dúvida alguma, o que comanda, o que ergue resolutamente o braço empunhando a espada em direção ao inimigo. E também soldado, e bom soldado, o sempre anônimo e corajoso lutador que constitui a tropa. Quase ao final da batalha de Borodino, na Rússia tzarista, estando em Kniazkovo o conde Pedro, que havia experimentado o seu batismo de fogo a intuito de conhecer mais de perto de que espécie eram feitos os porfiantes, se dizia a si mesmo:

"Oh! como o medo é uma coisa horrível! Entreguei-me a ele, que vergonha! E eles...eles permaneceram irredutíveis, tranquilos até o fim. "

Eles, a rememorar do conde – narra Leon Tolstoi em "Guerra e paz" – eram os soldados, os mesmos que haviam participado do grande combate, criaturas "como os que lhe haviam dado de comer e os que rezavam diante do ícone.

Eles esses seres estranhos, que até aquele momento não conhecera, no seu pensamento se destacavam nítida e distintamente de todas as outras pessoas." (13).

Vê-se em "Guerra e paz" possivelmente o mais veraz retrato do desenrolar de uma grande batalha, a começar de seus preparativos, da presença brejeira dos soldados até o desleixo desses como o daquele que se apresenta sem botas enquanto o seu capitão – no caso o capitão Tuchine – desculpa-o afirmando: "Os soldados costumam dizer que correm melhor descalços."

Assim quase todos muito à vontade em seus indumentos incompletos, alguns ao redor de fogueiras – e até despidos – pondo a secar os seus capotes, enquanto uns mais iam improvisando abrigos ao meio do tempo, sob a intenção de se protegerem. E não raros os que se divertiam como se não estivessem à véspera da desgraça.

E quando o “barulho ensurdecedor das peças que disparavam por todos os lados” senhoreava-se da paisagem com o silvar e rebentar de projéteis inimigos”, subia a fumarada provocada pelos canhões disparando, o que na idéia daquele capitão Tuchine, contemplados ao longe, não passavam de cachimbos em “raras fumaçadas de invisíveis fumadores.”

Mas a metralha varre e mata.

E se apartam corpos, gemem soldados dilacerados. E nisso outros gritam e amaldiçoam.

E algo fica, depois de um certo tempo de dor e agonia, como refere um velho soldado de voz rouca: “Ah, a gente que hoje ficou aí em pedaços! Foi horrível!”

Um bom soldado brasileiro, guerreiro e escritor, o Gen. Dionísio Cerqueira, traceja com precisão irrepreensível momentos de também intensa dramaticidade, dor e angústia, da batalha de Tuiuti.

“Os batalhões avançavam, a artilharia rugia rápida, infatigável, a revolver; era um contínuo trovejar. Parecia uma tempestade. Cometas soavam a carga; lanças se enristavam, cruzavam-se as baionetas, espadas brandidas a duas mãos, como os montantes dos pares de Carlos Magno, abriam crânios, cortavam braços, decepavam cabeças. Quadrados formavam-se aqui; além ouvia-se o toque de assembléias e as linhas de atiradores se reuniam, ora em círculo, ora formando os quatro camaradas de combate, de baioneta cruzada contra a cavalaria que vinha a galope; era uma confusão imensa e cheia de fortes impressões. A batalha atingia o momento decisivo.” (15).

E aí estava o soldado, aquele mesmo ao qual podia ajustar-se, como uma luva, a análise de Dionísio Cerqueira:

“O soldado sente emoções indescritíveis. Despertam-lhe os instintos beluínos, e aplaude arrebatado de entusiasmo os golpes e os feitos gloriosos, sem se lembrar das lágrimas e do luto. O brilho da glória esconde o crepe da desgraça.” (16).

Toda alma do guerreiro parece agitar-se ao rufar dos tambores.

É como sugere, por exemplo, o juiz americano Francis Miles Finch. Em momento de inspiração, dedicou estes versos à vida de um herói:

"À batida dos tambores e do coração
Marcha o soldado,
Vivas tem as faces,
Há coragem em seu olhar,
Embora, à batida dos tambores e do coração,
Deve morrer dentro em breve..." (17)

Porém o soldado, o dente do humano aço da engrenagem da guerra, está sujeito a todas as vicissitudes. Ora, a arrostar o tempo imprevisível – qual o da batalha do Avaí, quando dos céus toldados desaba "violento temporal com chuva e vento. A água – conta Gen. Paulo de Queiroz – "desperta em pesadas bátegas, copiosas persistentes, logo ensopa e terreno e enfureceu o pequeno arroio que logo cresceu de volume", sério obstáculo à sua passagem.

Quando não é a meteorologia instável e pérfida, como nessa batalha em que foi ferido o bravo Caxias, eis que surgem os inimigo inesperados, qual o cólera-mornos, a deixar escarmentado o acampa mento de Curuzu. A Ordem do Dia de 17 de abril de 1867, reconhece:

"Em conjuntura tão triste, a resignação do soldado brasileiro foi igual ao seu valor diante do inimigo. Os que não foram toca dos pelo mal, cuidavam dos enfermos com caridade evangélica."

Mas o que é o soldado?

O Gen. George S. Paton definiu-o em suas memórias:

“O soldado é o exército. Nenhum exército é melhor do que os seus soldados. O soldado também é um cidadão. Na realidade, o maior deles e o mais alto privilégio da cidadania é empunhar arma: pelo país.” (20).

E noutra passagem de seu testemunho guerreiro, escreveu:

“Fala-se muito da lealdade do subordinado para com o superior. A lealdade do superior é muito mais necessária, porém muito menos usual.” (idem, p.330).

Mas ao redor do soldado, quantas ciladas da vida, quantas dificuldades! A sua caminhada é agreste e sujeita a permanentes confrontos.

Um dia, como na noite que sucedeu ao combate de Ponteferreira, em Portugal, em julho de 1832, o soldado é o guerreiro que dorme em pleno campo de luta, aquele do entrechoque fratricida em que se envolveu. E essa sua trégua, num entrevero que não pediu, vai inspirar a Alexandre Herculano escrever uma de suas mais pungentes crônicas:

Os soldados “vivos dormiam tranqüilamente ao lado dos mortos, no campo de batalha; – estes tinham adormecido mais cedo – o seu dormir era mais profundo e longo – longo como a eternidade!

Nenhuma outra diferença entre aqueles e estes, salvo em brilharem caídas por terra as armas dos últimos, a esperarem as do primeiros, enfileiradas nos sarilhos, pelo alvor do dia, para voltarem ao combate com seus donos, enquanto as que jaziam no chão porventura ficariam aí esquecidas para as desfazer o tempo ao lado dos que a tinham maneado – ao lado dos mortos da pior das guerras – a guerra entre homens que muitas vezes oravam no mesmo templo, na mesma língua e ao mesmo Deus – e que muitas vezes talvez disseram salve uns aos outros depois da oração da tarde.” (21).

E por diante, terrivelmente dramático:

"Nesta hora em que os extintos, semelhantes às folhas secas das árvores, jaziam desprendidos do tronco ao qual até aí aderiram, reconquistavam a sua individualidade, e não curavam mais do rufar dos tambores, do clangor das trombetas –, nesta hora foi que eu vi o soldado, na sua existência própria e íntima, material e escura, consumida pelo padecer e sofrer, pelo obedecer e calar, pelo recordar-se do passado, pelo cismar sobre o futuro, pelas saudades domésticas, pela soledade da sua vida pálida e sem esperança – e os meus pensamentos se derramaram dolorosamente por cima de tanta miséria, que o mundo crê consolada e recompensada com um bocado de pão negro e com o brilho falso do ouropel chamado glória. Glória! O que é a glória para um pobre soldado?" (22).

Mas glória há, dizemos nós, em ser soldado, quando se sabe sê-lo. Assim fizeram-se muitos, qual Tibúrcio, que ao ouvir de colega, no pátio da Escola Militar, que acabava de ser declarada a guerra no Prata, já se erguia de um pulo, para proclamar:

"Bravo! ou morro, ou volto coronel!" (23).

Ser soldado é se compreender valoroso e combatente. Essa a imagem que inspira (ou inspirava, que infelizmente os tempos mudam!) as crianças, tornando realidade a lúdica dos verdes anos, às cavalgadas de cavalo-de-pau, ao soprar da corneta, ao bater de tambores, entoando:

"Marcha, soldado,
Cabeça de papel!
Marcha, soldado,
Direto pro quartel!"

Serge Tchakhotine, o mais discutido dos ideólogos dos movimentos políticos de massa, considerou a criança que brinca de soldadinho de chumbo submetida "a uma tradição que lhe vem dos adultos", dando-a como recalque dos instintos bélicos.

Mas aproveitável o seu segundo raciocínio, de que ao se organizarem em batalhão as crianças, no "marche, soldado, cabeça de papel", descobrem a vantagem de não se lançarem a seus problemas sozinhas. (24).

Perde a criança então um certo sentido de individualismo, em troca dos movimentos, da ação em grupo.

Mas na verdade ninguém brinca de marechal ou de general. Brinca-se de soldado. E se de soldado vai a general, nunca deixará de ser ele nomeado pelas suas atitudes de bravura como legítimo soldado.

De Tibúrcio, o bravo filho de Viçosa, diz-se sempre ter sido "o tipo perfeito e completo do soldado, tal como se deve compreendê-lo e mantê-lo, na plenitude das modernas exigências sociais, conforme o espírito democrático do século." (25).

Desse modo é soldado o Brigadeiro Antônio de Sampaio, enaltecido por todos os cidadãos, qual na poesia de Juvenal Galeno por ocasião da chegada a Fortaleza de seus restos mortais, em novembro de 1871:

"Que vale a vida quando a pátria,
Honra ao soldado que lutando expira...
Vai entre louros reviver na História." (26).

As palavras do eminente Rui Barbosa sobre a identidade do militar brasileiro no tempo, são de expressivo elogio: está no nosso soldado "o cidadão cuja farda cívica o confunde com o povo, de onde surge e se constela de glórias, amando bastante o dever

para sujeitar o orgulho da soberania pela força ao serviço da Justiça.” (23).

Soldado, símbolo da resistência patriótica de um povo, está sempre lembrado até mesmo quando seu nome não é convenientemente identificado pela história.

Ainda que inominado, será reverenciado como o soldado desconhecido, a permanecer no coração e no respeito de seus concidadãos.

Desse lutador sem nome, mas tão soldado quais os outros que mais bravos foram, o rei George V; da Inglaterra, escreveu de próprio punho no cartão que acompanhou a coroa de rosas vermelhas depositadas no primeiro jazigo de soldado desconhecido:

“Desconhecido e, não obstante, muito conhecido, Morto e, ao contemplá-lo, nós vivemos.”

Foi o deão de Westminster quem sugeriu, em julho de 1920, “a idéia de que um soldado desconhecido, caído nos campos de batalha, fosse sepultado” na abadia famosa. (28).

Daí por diante robusteceram-se as homenagens ao guerreiro desconhecido.

Assim, sucederia na Grã-Bretanha, na França, na Itália, em Portugal, na Argentina, no Brasil... e pelo mundo inteiro. (idem, ibidem).

A cerimônia na Abadia de Westminster, naquele recuado 1920, vale a pena, para os propósitos destas páginas, ser trazida à nossa lembrança, tais os tons de emoção que a cercaram, fazendo vibrar os corações mais empedernidos:

Na solenidade pela primeira vez não houve “qualquer ordem de precedência social. As primeiras cadeiras de honra foram daquelas mulheres que haviam perdido seus maridos e todos os filhos na guerra; em seguida, vinham aquelas que haviam perdido todos os seus filhos ou o filho único; e depois aquelas que perderam os maridos. Os nobres estavam sentados ao lado de mulheres assalariadas,

conforme notaram os jornais. Observou-se também que o Guerreiro Desconhecido fora sepultado dentro da parte oeste da abadia, de forma que a partir de então todo rei da Inglaterra, encaminhando-se para a coroação, deverá passar sobre a lápide funerária deste homem que morreu para salvar seu reino." (idem, p.534).

Vale, portanto, repetir mais uma vez as palavras de George V:

"Desconhecido e, não obstante, muito conhecido; Morto, e ao contemplá-lo, nós vivemos."

Sim, não só vivos, dizemos à nossa vez, estamos todos eternamente gratos ao soldado quer conhecido quer inominado, e nem por isso menos soldado do que os demais, corajoso e patriota, de baioneta calada ou de espada em punho, de lâmina a rebrilhar cortando o ar, como o fez Osório, a concitar os patriotas, os seus comandados, à sua eletrizante palavra de ordem:

"QUEM FOR BRASILEIRO, ME SIGA!"

Soldado – acrescente-se – que permanece mesmo na pintura dos grandes artistas qual Pedro Américo, expressando, a exemplo, o clima da grande Batalha do Avaí, muito bem interpretada nas palavras de Órris Soares Faria:

"Cessam as bocas de fogo de jorrar metralhas, a cavalaria investe, tudo é ação. O indomável inimigo se rende – luta. Brutalidade ou heroísmo, pouco importa, o espetáculo assombra.(...) O céu escuro, a terra lodosa, a água turva, a ira seguindo rugindo como temporal pelos cedros, desproporciona a aflição já enorme na própria agonia da paisagem, que se distende por além, lugubremente.." (29).

Cada soldado parece repetir as palavras do divino Odisseu no canto V da “Odisséia”:

“Já suportei muitas dores, passei numerosos trabalhos
Tanto no mar que na guerra,
Que venham, por isso, mais esses...”

Tudo assim dito parece pouco e realmente é muito, porque na ação resplandece o verdadeiro patriotismo, aquele sentimento do qual, com palavras firmes e julgamento ético, escreveu Olavo Bilac: “O verdadeiro patriotismo não é o amor dos negócios rendosos que no seio da Pátria pode dar a riqueza e a independência; não é a interessada gratidão pelas honrarias que dentro dela se podem granjear; não é também o embevecido êxtase, ingênuo e fútil, diante da beleza das suas paisagens, do esplendor do seu céu, da uberdade do seu solo. E Sim, um amor elevado e austero, que reconhece os defeitos da Pátria, – não para amaldiçoá-los ou para rir deles, mas para perdoá-los, estudá-los e corrigi-los; é um amor que se enraíza mais no meio moral do que no meio físico, e vai procurar a sua seiva nutritiva no âmago longínquo do passado, no sacrossanto húmus das origens da raça, da língua, da história, e no padecimento obscuro, apagado, anônimo das gerações que antes da nossa viveram, suaram e penaram na terra que servimos e adoramos.” (30)

Este o sentimento que faz de qualquer um de nós um grande soldado, confiado, otimista e disposto a lutar pela Pátria.

Sentimento que nos gratifica, sem dúvida alguma, toda vez em que reverenciamos o passado e o futuro de nossa brava gente.

Para terminar, creio ajustar-se à figura de todo bom soldado o pensamento de Eurípedes:

“Tentarei com palavras, e não podendo, com a mão.”

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

01 – F.L. Ganshof, “Que é Feudalismo?”, Publicações Europa, 4ª edição, Lisboa, 1976, p.123.
02 – Antônio Lopes, “Presença do Romanceiro”, Civilização Bras. 1967, Rio, 1967, p. 207.
03 – O.c., p.34.
04 – Eusébio de Sousa, “História Militar do Ceará”, Editora do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1950, pp. 343-346.
05 – Gen. J. S. de Azevedo Pimentel, “Episódios Militares”, B. do Exército Editora, Rio, 1976, p.150.
06 – Narciso de Azevedo, “A Arte Literária na Idade Média”, Porto, 1947, p.131.
07 – Dixon Wecter, “Os Heróis, sua Influência na Formação de um Povo”, Editora Lidador Ltda., Rio, 1965, p.120.
08 – Gustavo Barroso, “História Militar do Brasil”, 23, Cia, Ed. Nacional, São Paulo, 1932, p 17.
09 – O. c., p.22.
10 – Henry Hunt Keith, “Soldados Salvadores: as Revoltas Militares Brasileiras de 1922 e 1924 em Perspectiva Histórica”, edição BIBLIEX, R. de Janeiro, 1989, p 17.
11 – Gen. Meira Matos, “Castello Branco e a Revolução”, B. do Exército Editora, Rio, 1954, p.1650.
12 – Henry Hunt Keith, o.c., ibidem.
13 – Leon Tolstoi, “Guerra e Paz”, 43 edição, Editora Globo, Porto Alegre, segundo vol., 1944, p.250.
14 – O.c., p. ll0.
15 – Gen. Dionísio Cerqueira, “Reminiscências da Campanha do Paraguai”, Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1980, p.161.
16 – O.c., p. 276.
17 – Dixon Wecter, o.c., p.123.
18 – Gen. Paulo de Queiroz Duarte, “Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai”, Biblioteca do Exército Ed., Vol. 3, T. III. Rio, 1988, p.1878.
19 – O.c., p.110.

20 – George S.Paton, “A Guerra que eu Vi”, Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1979, p.303.
21 – Alexandre Herculano, “Scenas de um Ano da Minha Vida. e Apontamentos de Viagem”, Livraria Bertrand, Lisboa, 1934. p. 112.
22 – O.c., pp. 114 – 115.
23 – Eusébio de Sousa, “Tibúrcio, o Grande Soldado e Pensador”, Coleção Alagadiço Novo, UFC, Fortaleza, 1985, p.22.
24 – Serge Tchakhotine,” A Mistificação das Massas Pela Propaganda Política”, Liv. Civilização Brasileira, Rio, 1967, pp. 198-199-221). .
25 – Eusébio de Sousa, O.c., p.1I.
26 – General Paulo de Queiroz Duarte, “Sampaio”, Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1988, p.294.
27 – Fernando Luís Osório Filho, “O Espírito das Armas Brasileiras”, Pelotas, 1918, p.191.
28 – Dixon Wecter, O.c., pp. 533-534-535.
29 – Lincoln Martins, Pedro Américo”, Fundação Banco do Brasil, Cia. Bras. de Artes Gráficas, Rio, 1994, p. 64.
30 – Olavo Bilac, “Conferências Literárias”, Rio, s.d., p. 308.

O TEMPO, A MULHER, O AMOR

Digo-lhes, por alheios pensamentos, que o amor, como sentimento de reciprocidade, é a grande conquista da mulher que, por séculos e séculos, se inseriu na efetivação das bodas qual um objeto de contrato, mais corpo que espírito, e transacionada em estratégia de simples negócio, ainda que valioso, e não, como devia, usufrutuária de emoções galantes, apaixonadas.

Na verdade quase toda a inspiração ficcional antiga acode com os tons da imaginação, e melhor será admitir, da fábula, para narrar o trajeto da paixão entre damas e cavalheiros.

O que por aí se conta, em histórias maravilhosas, nem sempre transcorre a refletir a realidade. Nada se efetiva, no sentido desejado. A fantasia acode insofreável, a desenhar cupidos como alcoviteiros pressurosos a cada instante; e nas alcovas, onde infelizmente o amor não persevera, a mulher que se consagra ao seu parceiro não se reparte, exaure-se.

Um estudioso desse instigante tema, com bastante propriedade observou: embora a arrepio do consenso as "imorredouras obras-primas de Dante, Plutarco, e Boccaccio, não eram histórias de amor, como também não o são as dos "Testamentos de François Villon", conquanto Shekespeare, Dreyden, Keats e Goethe – o raciocínio continua sendo de William Fielding, que cito – terem se "inspirado grandemente no "'estilo, forma e assunto" tratado por Boccaccio, que não teria sido afinal "o criador das histórias amorosas realistas..." (1).

Para outro pesquisador, também chamado William, mas desta vez etnólogo bastantemente enaltecido pela importância de seus estudos – William Grahan Sumner, " é verdade que se encontram histórias de amor em folclore, lendas e poesias de tempos remotos, mas são *idealizações* (grifamos) de romance, irrealidade", e anteriores ao século passado. (2).

Para os gregos, aprende-se nesse contexto, o amor era tal qual "uma loucura que o capricho ou a malevolência de algum deus ou deusa infligia a alguém." (idem, idem). Paixão, portanto, inconsistente, efêmera – propõe ele, e que para os "semitas em particular" não significava "uma base honrosa e segura para o casamento." (3).

Para alguns povos, como os Kaffir, "o fato de uma esposa cristã casar-se por amor é vergonhoso."

Nesse plano de idéias, que chega a agredir a nossa sensibilidade, as mulheres valiam pouco por suas emoções. Em os dias de Maomé, um pai dar a filha em casamento, a desconhecido, era algo realmente funesto.

Excluía-se o sexo feminino, por então, de todo convívio social com os homens – anota William Graham Sumner – e "de qualquer participação em interesses intelectuais." (4).

O islamismo, vem a caso referir, nem mesmo favorecia a compreensão entre os cônjuges. Não de raro as mulheres apanharem dos esposos, que por qualquer "ato público, errado", podiam exemplá-las de modo rude.

Na verdade nem mesmo aquele proclamado amor cortês, que por anos e anos inspirou os trovadores, chega a ser "totalmente espiritual e platônico" como requerido.

Para Michel Pastoureau a "união das almas deve se acrescentar a dos corpos." (5). Embora desejadas de forma instintivamente lírica pelos trovadores, uns fingidores de segundas intenções, a "idolatria da dama não visa senão obter a posse física."

Veja-se, para confirmar, o que transparece nestes versos de Bemard de Ventadour:

"Se ao menos ela tivesse ousadia
de me levar uma noite,
ao lugar onde se despe,
e neste lugar secreto viesse
a enlaçar seus braços nos meus..." (6).

Cínicos e *inxeridos* – como costumamos dizer em linguagem coloquial – esses apaixonados melosos, e líricos, eram rigorosamente atrevidos.

É só ver como sugere outra passagem recenseada por Michel Pastoureau, um tal Peire de Valeria:

"E já que meus olhos o contemplam, eu peço a Deus que me dê ânimo para ser o servidor de seu corpo pobre e belo..." (7).

Mas na poesia dos menestréis, por esses dias da Idade Média, cultiva-se também as aventuras amorosas em que a mulher-donzela – a representar perseverante simbolismo de pureza -veste-se de homem para ir à guerra, e não obstante escamoteada em sua figura de soldado, circunstância que nos lembra a nossa Maria Quitéria, acaba por enfeitiçar o coração do capitão, mancebo afeito às artes de montar e amar.

É como vamos deparar nos deliciosos versos de "A Donzela que foi à guerra", de autor anônimo, peça clássica da fase do amor galante, puro, a assinalar um dos momentos mais românticos desse tempo, quando o sentimento de exaltação à mulher esteve em alta.

Vale ouvir o curso da paixão do valoroso capitão que percebe no soldado amigo e leal a presença da mulher amada; tudo, mas tudo mesmo, com o encanto e a simplicidade – convém mencionar, e ingenuidade – que dimensionava, fortalecendo, o amor:

Pregoadas são as guerras
Entre França e Aragão
Ai de mim que já sou velho,
As guerras me acabarão!
De 7 filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão"
– Responde a filha mais velha
Com toda a resolução:
"Venham armas e cavalo

Que eu serei filho varão.”
“Tendes olhos muito vivos,
Filha, conhecer-vos-ão.”
“Quando passar pela armada,
Porei os olhos no chão.”
“Tendes os ombros muito altos,
Filha, conhecer-vos-ão.”
“Venha-me armas bem pesadas,
Os ombros abaixarão.”
“Tendes os peitos mui altos,
Filha, conhecer-vos-ão.”

“Venha gibão apertado,
Os peitos encolherão.”
“Tendes as mãos pequeninas,
Filha, conhecer-vos-ão.”
“Venham já luvas de ferro,
E compridas ficarão.”
“Calçarei botas e esporas,
Nunca delas sairão.”

Agora, fora dos versos conto: o jovem capitão sente ao primeiro olhar e ver que o bravo soldado Dom Martinho significa algo mais para os seus sentimentos:

“Senhor pai, Senhora mãe,
Grande dó do coração,
Os olhos de Dom Martinho
São de mulher, minha mãe.”
“Convidai-o vós, meu filho,
Para ir convosco ao pomar,
Que se ele mulher for,

A maçã se há-de pegar.”
A donzela por discreta
A camoês foi apanhar.
“Oh que belos camoeses
Para um homem cheirar!”
Lindas maçãs para damas!
Quem lhas podera levar!
... ...
“Senhor pai, Senhora mãe,
Grande dor do coração,
Os olhos de Dom Martinho
São de mulher, de homem não.”
“Convidai-o vós, meu filho,
Para convosco nadar,
Que se ele mulher for
Desculpa vos há-de dar.”
A donzela por discreta

Começou-se a desnudar
Traz-lhe uma carta um pagem,
Pôs-se a ler, pôs-se a chorar,
“Novas me chegam agora,
De que minha mãe é morta,
Meu pai se está a findar...
Os sinos de minha terra
Os estou a ouvir dobrar,
E duas irmãs que eu tenho,
Daqui eu ouço chamar.
Monte, monte, cavalheiro,
Se me quer acompanhar.”

Chegam a uns altos paços,
Foram-se logo apear,
“Senhor pai, trago-lhe um genro,
Se o quiseres aceitar;
Foi meu capitão na guerra
De amores me quis contar;
Se ainda me queres agora,
Com meu pai, há-de falar,
Sete anos andei na guerra
E fiz de filho varão,
Ninguém me conheceu nunca
Se não o meu capitão!
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra coisa não.

O amor cortês, diferente do que se pode interpretar debaixo de apreciação aligeirada, no trânsito de suas emoções – e para contentar a um público elitista mas concupiscente, se a tanto podemos chegar – acaba engendrando uma realidade amarga para os compromissos conjugais, tão tumultuados pelo século XII – que toma a nossa atenção por agora –, quando progride o mercenarismo no casamento, não faltam uniões clandestinas e excesso de matrimônios *negociados* a qualquer preço, os enlaces gerados pelo excesso de viuvez.

E se vai deparar mais, por esses dias, o que observa e julga o Sr. Michel Castoureau:

“...A fidelidade conjugal, apesar das exortações da Igreja, não parece ser norma de vida muito difundida, Incontáveis são os adultérios em todas as categorias sociais”.

Daí serem mumerosos também os bastardos (8) gestionando os mais inesperados problemas de desajustes familiares em que

surge em plano real os próprios “bastardos de rei”, grei que acaba usufruindo iguais direitos devidos aos filhos legítimos.

Vem hora de recordar...

De verdade o espírito enobrecido e abençoado por Deus das ligações matrimoniais que, na Palestina, pelos dias de Jesus e seus apóstolos, havia resgatado, valorizando, o que de essencial e importante existia na celebração do casamento, fraquejava; esmorecia.

Nada mais perseverava por então com os tons e as alegrias das bodas celebradas como extensão das famílias envolvidas e da própria comunidade, dia de regozijo e elevação espiritual, que fazia as mulheres acudirem à casa da noiva, e os homens à casa do noivo, enquanto não faltavam músicos e cantores profissionais para louvar a “beleza da noiva e a energia do noivo.” (9).

Conta Ema Williams Gill como eram esse esperados e deliciosos instantes:

“Geralmente a noiva ficava em sua casa até a noite, quando o noivo vinha com os seus amigos a fim de levá-la para o seu lar. Algumas vezes, nos relata a parábola, o noivo chegava tarde da noite e os convidados adormeciam, mas ao grito – “Aí vem o noivo!” – todos se levantavam, tomavam suas lâmpadas e juntavam- se aos do cortejo.” (11).

O ato religioso então se dava na própria casa da noiva.

E era daí, da casa, que partiam todos para o futuro lar dos recém-casados, conta outra vez Emma Williams Gill – “enquanto outros convidados se lhes juntavam no trajeto. Sem estas luzes não podiam fazer parte do cortejo nem entrar na casa do noivo.” (12).

Quem não acudia a tempo, isto é, não chegava alguns instantes da hora da celebração das bodas, deparava a porta da casa fechada, circunstância a significar a exclusão de convidados retar-

datários, acontecimento lembrada na Bíblia, tanto em Lucas (14; 17) e Mateus (25;10), recorda Emma Williams Gill:

> "Vinde, que já está tudo preparado... E fechou-se a porta." (13).

Ouso admitir que ao longo da história do amor, que o é da própria mulher, não foi rara nem despicienda a providência para, a se fechar a porta – em se aproveitando o simbolismo da parábola – tudo estivesse conforme os bons desígnios do matrimônio. Os indesejáveis, os relapsos, os atrasados... conservados fora...

Por isso, no percurso do tempo, nem sempre o amor, a aceitação da mulher emoldurada em suas virtudes, foi tal qual o desejado.

Persiste até na poesia, como no drama "Auto dos Cantarinhos" de Antônio Prestes, a idéia do amor amoedado:

> "Na valia do amante
> está o preço da dama;
> folgarei saber quem sois
> para ver o que sei ser..."

Difícil, muito difícil mesmo, aquilo que contemporaneamente pode-se e se deve entender por afeição conjugal.

Mas, não obstante tanto desencontro, tanta gente de fora, depois de se fechar a porta como na parábola, a mulher estará sempre, necessariamente, impondo-se, como acontece de modo animador graças às idéias do século XVIII, influenciadas pelo enciclopedismo, como sugere William Fielding (14), cujas idéias que contribuem para "dar novos valores e realçar os sentimentos de afinidades humanas."

É como vai aduzir, por diante, esclarecendo: "Deu-se outro grande passo na evolução do casamento,' quando o amor deixou de significar apenas paixão erótica. O amor conjugal duradouro – tomo a insistir, citando – "baseia-se mais na estima, na confiança

e no respeito que na atenção sexual e normal- mente a afeição é mais durável do que a paixão.” (15)

Mas a mulher, mais vitoriosa hoje do que ontem, não deixa de estar assediada por mil tentações.

Vive em um mundo onde existem 1.300 vocábulos ou sintagemas para designar o coito”, e 550 palavras prosperam, a todo instante, pode-se dizer, lembrando o órgão reprodutor quer do homem quer da mulher. (16).

Gérard Vincent em estudo de expressiva atualidade, ajuda-nos a ver mais clara a situação que deparamos: “O grande acontecimento na vida privada dos ocidentais, nestas últimas décadas, foi talvez o surgimento de um erotismo totalmente estranho ao sistema cultural judaico-cristão...” (17).

A sexologia, portanto, que se inaugura na “segunda metade do século XX”, acode a lembrar Gérard Vincent, traz novos conceitos de conjunção amorosa, cria a figura do orgamatologista, tira – agora a observação é nossa – tira a normalidade do amor da horizontalidade das alcovas para as inusitadas propostas de conjunção ao pé de escadas, mesas de cozinhas e assentos de automóveis, como sugeri das nos filmes e em televisão.

Tudo indica que, outra vez, está mais desafiador o nosso encargo de cerrar a porta e preservar o sentido familiar do casamento.

Mas nada, minhas possíveis leitoras que vivem as reflexões e as alegrias que inspiram o Dia Internacional da Mulher, mas nada, repito, mais antigo e ao mesmo tempo paradoxalmente mais atual, moderno, que o exercício do amor. Para tanto – e vale lembrar mais uma vez – sejam quais forem os tempos, as perspectivas de novos dias ao limiar de novo século, perseveremos no amor, que pode passar por mil imagens e citações obscenas, resvalar e até conviver na obscuridade dos vícios, mas um dia, como na realidade deve ser, resplandecerá:

Puro, recíproco e obsequioso.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

01 – William J. Fielding – “Estranhos Costumes de Casamentos da Arte de Fazer a Corte”, Editora Assunção Ltda., SP, 1946, p. 272.
02 – William Graham Sumner – “Folkways: Estudo Sociológico dos Costumes”, t. II, Liv. Martins Editora, S.P.,1950, p 449.
03 – o.c., idem.
04 – o.c., p.450.
05 – Michel Pastoureau – “No Tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda”, Cia. das Letras, SP, 1989, p. 149.
06 – idem, idem.
07 – idem, idem.
08 – idem, pp. 151, 1542.
09 – Emma Williams Gill – “Palestina e seu Hóspede”, Rio, 1948, p. l0.
10 – idem, idem.
11- idem, idem.
12- idem, p.13.
13- idem, idem.
14 – William J. Fielding, o.c., p. 273.
15 – idem, p. 274.
16 – Gérard Vtncent, o.c., p. 352.
17- Idem, p. 353.

SUBSÍDIOS (INDISCRETOS E AMENOS) À HISTÓRIA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Pelo último quartel de século, acudiam a Fortaleza uns tantos dias de intenso entretenimento. Aos palcos da cidade subiam zarzuelas, canto e drama de entremeio, algo meio operístico mas bastante a gosto da sociedade cujas mulheres exibiam-se em seus vestidos de cretone, então em moda, ou metidas em saias da "cor de cana" e enfeitadas de "palmas violáceas", ou ainda em feição de nata como nomeado aos figurinos.

Vivia a urbe os derradeiros anos do século XIX, vendo o correr de trens e bondes, a falar ao telefone, ou a vizinhos da cidade, e até acertando negócios internacionais através do cabo submarino. Mais: havia-se reformado o Passeio Público, e a Praça do Ferreira, que já se chamara antes Feira Nova, estava mais freqüentada, a exibir em cada canto um quiosque.

Os cavalos "Colombo", "Siroco", "Beija-flor", "Condor", apostavam carreira no campo do Prado, enquanto damas da sociedade, sob discretas sombrinhas (quais estampas de figurinos franceses) comentavam a "Morgadinha de Vai-flor", o último sucesso da Companhia Dramática dirigida pela *Senhora* (de bom-tom dizer-se assim...) Apolônia Pinto.

E não faltavam lágrimas pelo desaparecimento do poeta *("Lágrimas tristes, lágrimas doridas...)*, como desse modo o próprio vate cantou em lapidar soneto, quando esteve quase náufrago do mar atlântico, para afinal, depois, acabar arrebatado pelas ondas da vida no aconchego do lar.

Ah, as comoventes lágrimas...

“Órfãs trementes, órfãs desvalidas
Não tenho um seio carinhoso, e quente,
Frouxel de ninho, cálix ressente
Onde abrigar-vos, pérolas sentidas.”

Muito venturosos os dias!

Os obreiros da Padaria Espiritual empenhavam-se, árdegos e idealistas, na “panificação” de versos... e sonhos.

E já se impunha grave e prestigiado o Instituto do Ceará, recém-criado como corolário de sociedade de intelectuais e declamadores que ainda lembravam, embevecidos, a lucidez e a jovialidade de Rocha Lima.

Perseverava, portanto, a paixão pelas letras.

E a poesia, versos declamados ao recesso do lar, ao pé de algum piano (naturalmente francês); nas salas os candelabros acesos, portas e janelas abertas para os d~ fora também se entreterem.

Ciosas de seus deveres, as agremiações literárias têm o que postular, a começar do horário até então insuficiente para a Biblioteca Pública (cumprido de 9 às 15 horas), exigido o elastecessem agora em dois turnos para a satisfação dos consulentes, usuários que não de raro tomavam para ler obras escritas em latim e alemão. De ver-se o interesse pelos estudos, pelo aprimoramento da inteligência.

Ao palco sobem. animando, os dramas de amadores, as artistas, meigas senhorinhas, chamadas deliciosamente de “graciosas demoiselles”...

Não se dizia piquenique, mas “partida”, nada mais que um festivo encontro de damas e cavalheiros com direito a danças e cantos. A exemplo o ameno e intelectualizado convescote promovido na “Vila Adelaide”, em dezembro de 1893, por Antônio Sales.

Por merecente aluda-se a efervescência de idéias... e confrontos. Em alguns instantes a cidade toma a dimensão de arena, pois os intelectuais de nomeada se enfrentam.

O padeiro-mor da Padaria Espiritual desanca a Oscar Leal, chamando-o de desleal. E Rodolfo Theóphilo (assim mesmo escrito) com impiedade e didatismo vai às páginas das revistas insultar o desempenho literário de Adolfo Caminha, que acabara de publicar" A Normalista":

"Recolha-se, medite, Sr. Adolfo Caminha, e se convença que escreveu um mau livro."

Nesse exato cenário de agitação social e turbulência literária dão-se os dias preludiais da Academia Cearense de Letras, quando se unem Justiniano de Serpa, Farias Brito, Drumond da Costa, José Fontenele, Álvaro de Alencar, Benedito Sidou, Franco Rabelo, Antônio Augusto, Guilherme Studart, Pedro de Queiroz, Alves Lima, Valdemir Cavalcante, Antônio Fontenele e Thomaz Pompeu, esse o primeiro presidente.

A 15 de agosto de 1894, afinal, o mundo intelectual participa da sessão inaugural do sodalício, momento histórico celebrado no salão da Fênix Caixeiral, vibrante agremiação de comerciários, por então chamados de caixeiros, e funcionando desde 1891.

Firma-se aí considerável plêiade de cidadãos aprendidos, dentre os quais apenas um, de forma bastantemente isolada, persevera na poesia.

Trata-se de Justiniano de Serpa, autor de "O Poeta e a Virgem", "Oscilações", "Sombras e Clarões", além de "Três Liras", o último trabalho em parceria com Antônio Bezerra e Antônio Martins.

Os primeiros acadêmicos são bacharéis em direito; ou magistrados de carreira, técnicos e militares.

Nesse grupo de paladinos das letras destacam-se dois eruditos de grande mérito: Guilherme Studart e Thomaz Pompeu. Mas em grêmio tão preparado e sábio, vale acrescentar em tempo, infelizmente não empreende nenhum escritor da área ficcional.

Visível, e acredito estar a mencionar pela primeira vez e em honra à justeza deste levantamento de cunho histórico, a influência doutoral do Instituto do Ceará que, pelas mãos de seus membros mais ilustres (mencionados) tem a tarefa de "arrumar' a casa à feição de cenáculo de pessoas sábias, ciosas dos profundos conhecimentos científicos e culturais que possuíam.

Tanto isso é verdade que, em 1895, o último dos estudiosos referidos chega a organizar o plano de um livro "grandioso sobre o Ceará" – desse modo anotado pelo acadêmico Manoel Albano Amora já em nossos dias – , monumental coleção de 24 capítulos especiais dos quais apenas um (esclarecemos nós), o vigésimo primeiro, deveria cuidar das belas-artes, assim mencionado, enquanto os demais prosperam em favor da ciência e da história.

Tinha-se a esse tempo, portanto, a entidade aplicada a inúmeros estudos científicos, mas desafortunadamente desvinculada da militância ficcional.

Até na lista de prestigiosos correspondentes (como vai suceder já pelas duas décadas iniciais deste século) dos vinte e nove indicados nenhum se devotava ao exercício quer do conto, quer do romance, ou mesmo escrevia sob preocupações sociopolíticas.

Eram, de preferência, geógrafos, sociólogos, juristas, naturalistas, polígrafos...

Em discurso comemorativo do primeiro aniversário da Academia, Thomaz Pompeu ateve-se em rememorar o progresso até ali realizado, debaixo destas considerações:

"...foram sucessivamente discutidos ou apresentados trabalhos de real merecimento sobre arquitetura, mecânica, direito cons-

titucional, religião, flora cearense, história e crônica do Ceará, medicina, higiene pública etc...”

No etecetra – temos de admitir – algum perdido tema sobre ficção e poesia.

Na mesma ocasião em que todos se regozijavam pelos doze meses iniciais da Academia, o acadêmico Pedro Queiroz, primeiro Vice-Presidente, a discursar qualificou os seus consócios de “calmos, altivos, persistentes”, e todos com os “olhos fitos na imagem da Pátria, e confiança ao poder espiritual da Ciência.. .”

Justiniano de Serpa, que se impunha à admiração de seus concidadãos pelo dom da oratória que exibia, sobe à tribuna para proclamar os propósitos que naquela oportunidade animavam a seus parciais: “*Trabalhadores da Ciência* (grifamos), *nas idéias que defendemos, não defendemos nenhum dogma, mas também não condenamos nenhum culto.*

Creio chegada a hora de observar: antecipando-se no país à criação de sua Academia de Letras – que com justificados méritos alcançaria em 1994 o seu Centenário – não cuidou a entidade de estruturar os seus quadros, ensejando oportunidade a valores que, na ocasião, já prometiam firmar-se no Ceará.

Dois anos depois, a 15 de dezembro de 1896, fundar-se-ia a Academia Brasileira de Letras, sodalício esse já animado a “concentrar os *grandes nomes da literatura* (grifamos) nacional e fomentar com o culto das letras e da língua pátria”, proposta que de verdade se efetivaria, conforme a análise pertinente de Fernando de Azevedo, a desempenho de uma “função de alcance não apenas literário, mas social e político”.

Escrevi linhas atrás, dizendo mais ou menos o que pretendo agora repetir: não cuidou a Academia do Ceará em arregimentar os bons valores literários da província. Mas – convenhamos – te-

ria ocorrido desse modo, a vezo da maioria de seus fundadores ou em função de preconceituosa atitude de alguns?

Para o sociólogo Fernando de Azevedo – que cuidou do problema cultural nesse contexto não decodificado do universo nacional- "literatos, politicos e oradores, mantinham (àqueles dias) o mesmo desprezo pelas realidades concretas..." A elite de então, que não foi a que concorreu no Ceará para a criação da Academia Cearense de Letras, desfrutava naturalmente de "atmosfera intelectual alimentada por um sistema de ensino e de cultura, destinado quase exclusivamente a desenvolver qualidades literárias e especializações profissionais" e "não era exatamente favorável aos progressos das ciências experimentadas..." (in "Cultura Brasileira", 1963, pp. 342-398).

Desse modo – não custa especular – se faltou aos que empreendiam na área cientifica um pouco mais de receptividade a ficcionistas e poetas, aos idos de 1894, não se pode descartar a possibilidade de compreendendo ser a Academia Cearense um sodalício planejado por cientistas, não se lançarem a ela, para participar os que por então – e vamos ter de repisar a idéia outra vez – estavam de uma maneira ou de outra se exercitando no culto às belas-letras.

No entanto no campo da especulação sobre esse problema, ainda podemos raciocinar: ao adotar simplesmente o nome de Academia Cearense, não estariam os seus fundadores tão ilustres pretendendo o distanciamento da literatura? E não seria a Academia, pelo menos nessa sua primeira fase, e por instintiva noção que só o tempo se encarregaria de superar, uma entidade mais devotada a temas científicos que aos de ordem intelectual, no plano criativo?

Entretanto mais conveniente do que os homens o tempo passou a propiciar modificações mais consentâneas aos propósitos da sociedade. Basta ver, de exemplo, o parecer da então criada Comissão de Literatura e Artes sobre o livro "Prismas", de Rodrigues de Carvalho, futuro acadêmico.

Num desses arrazoados está escrito pela Comissão:

"A Comissão leu cuidadosamente os *Prismas* e opina que são prismados de elevação de idéias, de poesia sadia, do pathos que faz o poeta."

Alçado por diante à condição de acadêmico, Rodrigues de Carvalho (que deve ter influenciado bastante os seus parciais) escreveria em agosto de 1899 um substancial trabalho intitulado O Ceará literário nestes últimos dez anos, qual se vai ler ao tomo IV da Revista da Academia, no qual analisa o desempenho de Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Raimundo de Farias Brito, José de Barcelos, Júlio César da Fonseca, Henrique Thebérge, José Carlos da Costa Ribeiro Júnior, Antônio Bezerra de Menezes, Gonçalo Souza, José Faustino da Silva, Pedro Queiroz etc., etc., lista que alcança ainda os nomes de Lopes Filho, Lívio Barreto, Rodolfo Theóphilo, e mais oportunas referências sobre a atuação do Centro Literário, da Padaria Espiritual, do Instituto do Ceará...

A posse de Rodrigues de Carvalho representa, a nosso ver, a partida para as mudanças mais importantes em favor das Letras, tornando-as mais receptíveis.

Em discurso de boas vindas ao novo acadêmico, o Pe. Valdivino Nogueira mencionou:

"Poeta, o Sr. Rodrigues de Carvalho veio ainda dar à fisionomia austera do nosso Instituto uma feição característica de graça, mas dessa graça constante de emoções deliciosas..." (...) "*Não há dúvida, a poesia, filha genuína, filha graciosa do coração, pode ocupar perfeitamente um lugar distintíssimo ao lado da ciência, a dominadora filha da razão*." (grifamos)

E noutro passo, adiante, o destacado orador sacro da cidade (e amigo das musas), de modo incisivo clama:

“Senhores! Se não somos uma respeitável corpo ração de sábios (grifamos), queremos ser uma bela agremiação de estudiosos que se regozijam de ver, ‘ld verdadeira ciência (grifamos) a mais sublime conquista do espírito humano, o passo mais agigantado que o homem dá para Deus...”

E mais à frente – e é fundamental que chamemos a atenção para esse ponto – o autor de *Florilégio,* o tão aplaudido Valdivino Nogueira, orador louvado em artigo por João Brígido, convoca o novo companheiro de jornada intelectual para “partilhar o pão regenerador da Ciência (grifamos) e enfrentar a luta generosa pelas pátrias letras...” (in o.c., pp 89, 93, 94).

Rodrigues de Carvalho, diga-se por agora: ingressa na Academia Cearense no dia 23 de maio de 1897. Faz o elogio de poeta menor, José Carlos Júnior, e nessa peça oratória vai de Victor Hugo a Baudelaire:

“*... o poeta é a personificação do albatroz* “, proclama, a acrescentar: ... *“ser poeta é mais que isto; entesoura em si to- dos os encantos da natureza, ímpeto da vaga e remanso do lago.”* (in Revista da Academia Cearense de Letras, t. 11, 1987, P 460).

Vai começar a soar, desde aí e por diante, para os circunspectos cientistas do sodalício, os inevitáveis tons de rebeldia ou fuga à exatidão dos cálculos, em nova proposta para o convívio com o inefável conforto do mundo subjetivo.

A partir de 1899 – demoraria portanto cinco anos para suceder o previsto – a Ciência é exorcizada da casa. E se já não dão mais sessões qual aquela em que o Dr. Eduardo Bezerra a tomar a palavra para contar minuciosamente suas observações médicas sobre um lipoma, carcimona ulcerado, e sobre necrose do calcáreo, com imaginação de parte do osso.

A despeito desse e de outros episódios, o exercício literário se robustecia no Ceará, tantas as apresentações de literatos, sessões e tertúlias, tudo imbricado cada vez mais aos sentimentos dos homens de pensamento.

Aqui vale repetir o conceito de Alceu Amoroso Lima (ver Estudos, 2a série, 1934), quando alude sobre o Ceará: *"terra "amassada" com suor e lágrimas"* na qual *"nunca a chama da inteligência se apagou, de* 1859 *a* 1896. "

De 1893 a 1896 – ao que nos prende a atenção pelos dias iniciais da Academia – de acordo com o comentário procedido por Antônio Sales, tiveram livros editados os escritores Lopes Filho, Sabino Batista, Pedro Muniz, Eduardo Saboya, o próprio Antônio Sales, Ulisses Samento, Rodrigues de Carvalho, F. Weyne, Álvaro Martins, Rodolfo Theóphilo etc.,etc.

Desse modo resta o mistério a elucidar. E a tanto a perscrutar- se o passado, mais a vagar, para identificar a razão pela qual tantos nomes surpreendentemente de apreciável nível intelectual a esses dias, ficaram à margem da formação acadêmica do ano de 1894, marco de partida da jornada acadêmica, tarefa a essa altura a ultrapassar os limites deste pronunciamento e a própria capacidade do autor.

Merece no entanto lembrado que esse estranho mas desculpável divórcio dos acadêmicos de 1894 com os ficcionistas e poetas, seus contemporâneos, durou pouco tempo, e terá sido fase atípica de comunidade que jamais, em época alguma, deixou de ter fulgurações de imbatível desempenho literário.

Para tanto, a meu ver, decisiva a vocação intelectual que anima o cearense bem vocacionado desde os relembráveis dias dos *Outeiros,* passando pelos graus de maior estímulo da *Academia Francesa, Centro Literário, Padaria Espiritual* etc.,etc., até chegar ao trabalho do *Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras* e mais perto de nós, reciclada pelo Grupo Clã e a influência

da Cátedra do mundo universitário, de que resultaria contemporaneamente um alunado mais consciente da importância também social e política da atividade literária do Ceará.

Que dizer mais?

Sim, que resta acrescentar?"

A cidade de Fortaleza ainda tem seus dias equatoriais, mas proporcionalmente ao passado, a sociedade mingou; arrefeceu a efervescência teatral, e já não são muitos os escritores de mérito, publicados.

Fenecem as instituições artísticas e raros, bem raros de verdade, os espetáculos nobres, assim como já se não vêem concertos de freqüência refinada.

Mas a vaidade provinciana alardeia, por agora, como se praticasse nova marca olímpica, pois são três mil dançarinos que se esbofam, às noites de sábado, saltando nas enormes quadras de dança do "Forró Três Amores".

E há o Fortal, um carnaval fora de época.

E reza-se pouco.

E não mais descem do céu os anjos, para alegrar as procissões da Semana Santa.

Sumiram os oradores sacros. Existem agora apenas os de exercício demagógico.

Por isso muito importante a sobrevivência de instituições centenárias qual o Instituto do Ceará, e por hoje (1994), fulcro de merecidas homenagens, a Academia Cearense de Letras exemplarmente conduzida pelo poeta Artur Eduardo Benevides e seus diligentes companheiros de diretoria.

Sinal de que a Cultura, no Ceará, ainda persevera.

BREVES CONSIDERAÇÕES DE TEATRÓLOGO SOBRE A COMÉDIA ANGÉLICA

Trago, para diante do leitor, breve análise da "Comédia Angélica", daquele a quem hoje, e sempre, por merecimento inquestionável, rendemos justas e merecidas atenções. Esse "drama edênico" ao dizer de Braga Montenegro, que lhe achegou considerações sobremodo lúcidas, ainda a seu pensar está próximo do teatro vicentino "quanto à expressão", designação que, com certa liberdade, agora traduzimos como forma vocabular capaz de, caracterizadamente, identificar o modo de comunicar daquele que, por justiça, Marques Braga denominou "Um dos gigantes literários do século XVI." (1).

O juízo crítico desse modo expendido e empalmado por outros apreciadores da obra de José Albano, o inefável poeta de "Rimas", não se me afigura aceitável. E é sob tal constatação, data vênia, que podemos percorrer, a cada passo, grandezas de um e de outro autor, avaliáveis por suas inspirações próprias e estilos.

Em Gil Vicente a palavra, ainda que movida a sopro de sentimentos poéticos, está sempre a nos conduzir para a ação de drama que se percebe mesmo posto em letra de forma.

Naqueles momentos de aproveitamento do tema teológico, de que resultou como vem ao caso o "Auto da História de Deus", de algum modo, e até certo ponto o motivo inspirador da "Comédia Angélica", tem-se do primeiro a linguagem desenvolvida com determinação de movimentar personagens, e, do segundo, o vocabulário comedido de quem pretendeu dimensionar o seu relacionamento místico e lírico com o leitor", e não com o espectador.

No auto vicentino, a que me refiro, o verso quer outra emoção, a que se vai conformar no palco sob o congresso de circunstâncias especiais.

Assim se dá quando Lúcifer, “o maioral do Inferno”, toma por seu embaixador de maldade a Satanás, e fá-lo objetivamente provocar a honorabilidade da primeira e privilegiada inquilina (ainda que por pouco tempo) do Paraíso:

“Vae-te a Eva, porque he mulher
E dize que coma, não haja temor
E, como avisado,
lhe fala cortez e mui repousado,
mostrando-te alegre com todo seu bem,
e seu muito amigo maior que ninguém;
Mente-lhe largo, e dá-lhe o cuidado
que agora não tem.”

Não se flagra assim apenas um execrável plano de tentação, mas toda a falaz orientação de como o embuste deve ser concebido e executado; tudo, mas tudo mesmo, apropriado ao crime, a urdimento de má ação, com a sugestão dos indispensáveis ingredientes ao desenvolvimento dramático,

Já o Lúcifer, de José Albano, não obstante proclamar-se mau, é como se alguém que, a um repente, confidenciasse sentimentos ásperos mas inesperadamente atenuados, para o que concorre a beleza vocabular:

“Pelejarei co’aqueles que pelejam
embora todos contra mim estejam,
e nunca aos pés me curvo da criança,
que no regaço da mulher descansa.
Nasci anjo e esquecer-me nunca posso
da alta excelência e do alto estado nosso:
Mais vale (e o pensamento não me engana)
a angélica substância do que a humana.”

A linguagem de drama, aquela “linguagem especial” no entender de Gino Saviotti em seu “Paradoxo Sobre o Teatro” (2) , e que torna o texto do drama diferente do de literatura – pela maneira particular de expressão estética”– jamais se dispersa no auto vicentino. A desdita de Eva, conscientizada do terrível pecado cometido, alcança a mesma força da tragédia de Jocasta, sob a inspiração de Sófocles:

“ *Vós bem ouvistes*
o que me disse o senhor dos senhores;
que eu pariria com mortais dolores,
a mais desterrada na terra dos tristes.
Oh! triste de mi!”

Talvez fosse mais acertado esperar de José Albano a apresentação de sua Eva igualmente sucumbida à tentação da Serpente, na formal referência bíblica desse acontecimento, e, diante do irrevogável, flagelar-se no sofrimento do pecado original.

Mas será necessário contar como os imprevistos deste *árcade fantasiado* – a referir de Agripino Grieco –, “atacado de sonambulismo histórico”, (3), e com alucinações de lirismo teológico a conduzir o Coro até o leitor numa exteriorização realmente paradisíaca da alegria do primeiro grande amor da humanidade, surgente sob a irrepreensível penalização divina:

“Ó glorioso dia, hora e momento
quando entre violetas e boninas
a mulher pareceu ao lado do homem.
No verde prado e no cerúleo assento
não há flores mais frescas e mais finas
nem astros que mais docemente assomem.
Os campos não consomem

o etéreo gozo que nasceu com ela,
nem o pudor constante
que ás vezes se revela
no súbito rubor do almo semblante.
E em nenhuma outra parte se depara
coisa linda e pura
que a formosura – milagrosa e rara.

A luz do sol lhe beija os olhos belos
e o chão que sustenta a peso brando
disto mais alegria ainda sente.
Co'os leves e longuíssimos cabelos
o vento brinca e o rio, murmurando,
lhe dá pérolas claras da corrente.
Porém mais fortemente
que fogo, terra, ar e água, Adão sublime
guarda no seio o afeto
que entende e não exprime,
tanto é sacro, inefável e secreto.
E mais ainda faz que ele se enleve
cada rosa que nasce
na lisa face – entre jasmins de neve.
Ei-los que se olham e já d'onda em onda
soa dos ternos peitos o segredo
ei-lo que chega, ela, porém, se esquiva:
ei-lo que espera em vão que ela responda,
e pára quase, mas em riso ledo,
faz que o contentamento lhe reviva.

Então de fugitiva
ela se torna mais mimosa e mansa
e assim, mole e benigna,

enlanguesce e descansa
E a amar e ser amada se resigna.
E, como em braços de álamo a videira,
Eva com Adio forte
beija o consorte, – meiga e lisonjeira.

Ó ditoso himineu, ó novo encanto
que une dous corações num só desejo
e simultaneamente ascende e acalma.
Ó momento d'amor suave e santo
e mais que todos grato e benfazejo,
cuja eterna lembrança fica na alma,
a viridente palma
da sombra em horas plácidas e amenas
e deste campo infindo brotam mil açucenas
e do alto venham ali jasmins caindo.
E, ou seja em verde vale ou verde outeiro,
Cantem as flores todas
as castas bodas – do casal primeiro."

Nessa moldura centelhada de amenidades, onde o ecúmeno se transmuda em jardim eternamente enflorado, aquele mediúnico Gabriel, anjo capaz de decifrar visões, e ditoso mensageiro que revela à Santíssima Maria, o significado do mistério da Encarnação, vem introduzir-se para referendar, em ato de imprevisível intemporalidade, a boa nova que alenta o homem para proteger a sua salvação.

"Anjos que celebrais as graças d'Eva
Olhai, que outra mais clara luz se eleva.
E como, quando na celeste altura
renasce a roxa aurora em noute escura,
a prateada lua afugentando

co’as estrelas que a vão seguindo em bando...
em toda parte há cantadoras aves,
em toda parte zéfiros suaves
aromas e fragrâncias fugidias,
risos, prazeres, gozos e alegrias:
assim ordena Deus que se levante
a imagem de Maria radiante.”

E logo mais, a não deixar dúvida de quanto pode a licença poética a que se permite José Albano, vem o Coro consagrar o fruto do grande e “ditoso himineu”:

“Já nos serenos horizontes brilha
a que há de ser Esposa, Mãe e filha,
d’ouro, d’azul, de púrpura e de rosa,
e sobre nuvens mil de branca neve
tão sublime que a pluma a não descreve,
surge a Flor de Judá, formosa e insigne,
a quem o arcanjo pede que se digne
“ de salvar a Israel, e eis se revela
o “menino Jesus nos braços d’Ela. “

Longa, naturalmente, a descrição que acabo de praticar, mas compreensível e perdoável de certo, pela beleza do criador de tão inspirados versos, surpreendentes na simbologia do “anúncio da criação de Eva e do nascimento de Maria, cujas prerrogativas são antecipadas numa visão do futuro”, conforme exposição conveniente e erudita de Braga Montenegro. (4) .

Mas, como e onde conciliar José Albano com Gil Vicente?

Vieira de Almeida (5) em prefação, anotada, ao “Auto dos “Enfatriões”, de Camões, considerou poder “arriscar-se a hipótese de que o espírito de Camões, mais sutil e especulativo do que plástico, se

interessa menos pelas qualidades de cena e de conflito dos personagens (que é essencialmente conflito de caracteres e situações) do que pela exploração arguta de recessos da sensibilidade e sua explicação psicológica ou metafísica, de que nos deixou exemplos admiráveis...”

Não importa tenham outros ao grande poeta da língua portuguesa à conta de objetivo, apaixonado pela realidade, circunstância admitida igualmente por Vieira de Almeida.

De verdade, a nosso entender, admitidas ambas as interpretações, e colocado José Albano à prova, ao lado de Camões no que tange à habilidade teatral, ver-se-á que o segundo, quando incidiu na arte cênica o fez despojado do lirismo que tanto o engrandeceu a nossos olhos, tomando para si linguagem mais afeita à movimentação de personagens e emoções, enquanto o primeiro, só em raríssimos momentos, deixa de ser o dadivoso lírico de nossa admiração.

Pode-se afirmar que Camões é senhor de linguagem mais próxima daquela manejada por Gil Vicente, como nesta mostra que se me dá de oferecer ao leitor, quando Almena, “saudosa do marido que é na guerra”, diz:

“Ah, senhor Anfatrião,
onde está meu bem?
Pois meus olhos não vos vêem,
falarei co’o coração
que dentro nalma vos tem. “ (5).

Não está aí, a toda certeza, a forma dulçurosa de exprimir o poeta, como aos versos, em heptâmetros, de “A umas suspeitas”:

“Suspeitas, que me quereis?
Que eu vos quero dar lugar
Que, de certa, me mateis,
Se a causa de que nasceis

o quisesses confessar.
Que de não lhe achar desculpa
Me tem a alma tão cansada,
Que, se me confessa a culpa,
Tê-la-ei por desculpada.” (6).

O mesmo, no entanto, não ocorre com o poeta José Albano. Este quer à *“Loa para a Comédia Angélica* “, quer para a própria *Comédia*, estimula toda a sua maneira lírica de transmitir sentimentos. Faz com que aquele Miguel, anjo estafeta de Deus, conhecido por “grande chefe” e alcunhado de “Arcanjo”, vá dirigir-se a Adão, mandando-o erguer os olhos ao “céu cerúleo”, por lá haver “a pátria santa”. E mais:

“...a morada estelífera e secreta
onde todo desejo se quieta.”

Concita-nos Agripino Grieco à releitura dos mui nobres decassílabos, por ele argüídos, que estão em dado momento de maior sublimação da “Comédia”:

“Vaso argênteo d’amor, donde o jocundo
Aroma se derrama pelo mundo,
Donde nascem virgíneas açucenas
Olorosas, melíficas e amenas,
Os zéfiros fagueiros e perfumando
Co’o eflúvio mais sutil, mais leve brando.”

Esse poeta de verdade, grande descobridor de analogias poéticas e não menos belo revelador de símbolos, como o contemplaria entusiasmado Agripino Grieco – tantas vezes aqui citado –, quanto mais próximo de Camões que o arrebatou à inspiração e

afeição, mais distante se põe de Gil Vicente, no qual o imperativo do drama está acima da concessão a que se permitem às suas próprias almas, os grandes líricos.

E para concluir repasso ao leitor paciente que me acompanhou até aqui com bastante indulgência, mais uma prova do grande poeta que se festeja, o seu "IV Soneto", peça pouco divulgada e pouco enaltecida, e que a mim me cala fundo ao coração:

"Mata-me, puro Amor, mas docemente.
Para que eu sinta as dores que sentiste
Naquele dia tenebroso e triste
De suplício implacável e inclemente.

Faze que a dura pena me atormente
E de todo me vença e me conquiste,
Que o peito saudoso não resiste
E o coração cansado já consente.

E como te amei sempre e sempre te amo,
Deixa-me agora padecer contigo
E depois alcançar o eterno ramo.

E abrindo as asas para o etéreo abrigo,
Divino Amor, escuta que eu te chamo,
Divino Amor, espera que eu te sigo."

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1 – Braga, Marques – “ Actividade Dramática de Gil Vicente”, Cosmos, Lisboa, 1941.
2 – Saviotti. Gino – “Paradoxo sobre Teatro”, Editora Argo, Lisboa, 1944.
3 – Grieco, Agripino – “São Francisco de Assis e a Poesia Cristã”, Livraria José Olimpio Editora, Rio, 1950.
4 – Albano, José – “Rimas”, Imprensa Universitária do Ceará, UFC, F ortaeza, 1966.
5 – Camões, Luís Vaz de – “Auto dos Enfatriões”, com prefácio de Vieira de Almeida, Editorial Império, Lisboa, 1942.
6 – Camões, Luís Vaz de “Lírica”, Editora Cultrix, São Paulo, 1963.

RETROSPECTIVA
EM TEMPO DE TEATRO

Era de papel o barco...

E era como se de madeira e ferro fosse. E movia-se sobre águas que não existiam, a carregar homens e mulheres – o pai que me criou estava entre eles –, e ia para lugar muito bom, aonde todos acreditavam chegar. Meus oito anos não podiam definir tudo, nem tampouco os adultos da platéia saberiam explicar. Sei hoje, vencidos tantos anos: era um drama de muito mar, muita aventura, muita dor, muita saudade, e português – "Os Dois Sargentos"? –, daí o barco, os tripulantes... Assim a primeira peça de teatro que vi representada ante os meus olhos, em Pacatuba.

Nesse mesmo burgo, pelo Natal, o bumba-meu-boi – teatro assentado em boa tradição popular, haveria de me encantar para, anos depois, me vocacionar ao folclore.

Vindo morar em Fortaleza, em noite doméstica e ainda sem rádio e televisão, na residência do Maestro Alfredo Oliveira, meu tio afim, assisti a um teatrinho improvisado pela família. Meu irmão Ayrton vivia o papel principal.

Esse, sem dúvida, o rudimento de minha didática de iniciação teatral, até o dia em que a Sra. Creuza F erreira Lima, diretora do Educandário Santa Maria (no Bemfica), a instâncias de sua mana Laizinha, para alunos e mestres mandou-me ler em voz alta o texto de peça, "Jesus Crucificado".

Eu nem sabia o que se dava. E dava-se.

Fazia-me ao teatro como ator, e mais à frente, não como artista principiante mas já experimentado, a interpretar primeiro Anás, depois Caifás... e por fim, em estado de graças, Jesus.

Não pensem que tudo haveria de suceder comigo por simples obra do acaso.

O acaso não confere sucesso, não dá dividendos. Algo de extraordinário deve ter acontecido comigo, pois aquele Jesus posto em mim – ou eu posto em Jesus – perseverou tal êxito que acabei ganhando oitenta mil réis, régio pagamento para a condição de ator, à época.

Esse o nascimento do ator. Depois, à frente, não muito depois, revelaria-me autor, o que já exige um tom maior nesta rememoração. E ora conto como o dramaturgo surgiu, a nascer como tudo que vem tenro, de baixo, mas encorajado pelo idealismo que acabaria vicejando ao final em modesto teatro instalado aos fundos da Casa Paroquial da matriz de São Gerardo, bairro de mesmo nome, a empenhos do Pe. Expedito Eduardo de Oliveira (Bispo de Patos, em Paraíba, depois). Nesse local, sob incontido entusiasmo juvenil, partia para inaugurar as suas atividades o Teatro Escola Renato Viana, iniciativa e sonho que reparti com o poeta Artur Eduardo Benevides, já àquele tempo (1940) mais do verso do que do drama.

E vem o meu segundo encontro com Renato Viana, patrono do movimento a que aludo. Fascinava-me a personalidade do autor de "Deus" e "Sexo", chegado a Fortaleza precedido da consagração pelo trabalho artístico desenvolvido no Rio Grande do Sul. Artur Eduardo Benevides e eu fomos encontrá-lo na residência do sogro, onde demorava hospedado. Recebeu-nos metido em robe de chambre (necessário confessar: tal indumento, para mim, só conhecido posto em personagens de romance).

O teatrólogo chupitava seu cigarro de piteira dourada, tudo como deve convir a quem é artista importante, festejado merecidamente. Naquele instante ganhamos cigarrinhos – denominavam-se *Alexandrinos* –, boas idéias e sonhos, principalmente sonhos, com os quais haveríamos de plantar a teimosa semente teatral, de botânica – quem porventura ousa ignorar? – caprichosa e desafiante, mas, se manejada com carinho, acaba medrando em chão ainda que estéril.

Parturiu-se aí o dramaturgo naturalmente sob a influência filosófica do patrono do teatro que passávamos a animar, e logo escrevi por esses dias a peça "Religião", drama – vejam os caprichos do jornalismo! – a sensibilizar, quando levado à cena, a desprevenidos críticos de "O Nordeste", jornal porta-voz de Deus no Ceará, em breve mas encorajador comentário.

Sucederiam outras peças, nessa fase, prioritariamente comédias. Não vale a pena nomeá-las. Ao todo foram oito ou nove, e as deserdei de meu afeto depois, cometendo a ingratidão de rasgá-las e desse modo alijá-las da minha bagagem dramática.

Só muito por diante, vim compreender que àquela hora eu me desfizera de bom pedaço de mim mesmo, e a toda certeza as boas imagens de meus primeiros sonhos.

Nesses dias, os dos anos quarenta, descobri os grandes nomes que haviam contribuído para a renovação da arte cênica.

Através de intensa leitura conheci o chamado "teatro de agitação", ou Outubrista, da Rússia, que o historiador René Fulpe Miller acabara de contar em seu alentado "Espírito e Fisionomia do Bochevismo".

Desde aí tornar-me-ia íntimo de Stanislavsky, de quem viria a conhecer, em 1954, apreciadas confissões autobiográficas.

No afã de tudo saber sobre as novas técnicas da dramaturgia universal, travei conhecimento através de livros com Anton Giulio Bragaglia, inovador da cena italiana.

Amadurecida estava a minha vocação para o palco, e, convém lembrar agora, por esse tempo não mais almejava tomar-me dramaturgo, mas diretor de cena.

Por isso, perseverei durante muito tempo em aprender o que me parecia viável em matéria de direção, e conhecimentos técnicos de palco, assumindo a figura de freqüentador de caixa de teatro, a demorar, a exemplo, horas a fio no Teatro José de Alencar, onde, junto ao acolhedor e competente Gerson Farias,

acabaria aprendendo a pintar cenários, atividade aplicada depois no TERV.

Acrescente-se: não fui apenas cenógrafo, mas pintor de tabuletas. Estas, de sexta até domingo, anunciavam para o bairro os espetáculos do Teatro-Escola. Francisco Maciel, ainda falando ao rádio, por agora, cuidava de expô-la s na Praça de Otávio Bonfim.

Nesse campo, progredi. Na montagem de peças, passei a aplicar a rotunda para valorizar o espaço cênico, garantindo-lhe maior profundidade, providência posta em prática pela primeira vez no Ceará, salvo melhor juízo, em 1950, quando da apresentação de peça de minha autoria: "O Demônio e a Rosa."

Ao lado do saudoso Valdemar Garcia dirigi minha primeira peça na condição de "metteur-en-scéne": "Os Deserdados", 'o marco zero da minha atuação como diretor de teatro quando pude contar com João Ramos, que em cima do palco, pontificou em soberba interpretação.

Por esses dias eu já havia lido quase toda a obra de Ibsen, a começar da "Casa de Bonecas", peça que o cinema argentino, em boa adaptação, aproveitou na época em filme de sucesso.

Em 1945, sucedendo de estar no Rio de Janeiro, acompanhado de Antônio Bandeira e Aldemir Martins, deslumbrar-me-ia com "Vestido de Noiva", para nunca mais esquecer a primorosa interpretação de Irene Stinpinska, a viver o papel de Madame Clecy.

Não esqueceria o autor, Nelson Rodrigues, nem a Ziembinsky, que fui deparar anos adiante, para meu desconsolo, fazendo papel de travesti em novela de televisão.

Abriu-se aí, para mim, o caminho do teatro que me entusiasmava pela leitura de textos e visão de fotos de atores e cenários. Já me considerava aprendido na arte, depois de ter lido e analisado o trabalho de Max Reinhardt, Gordon Craig e tantos outros. E ansiava já então pela utilização de luz, movimentação de refletores, de claros e escuros, e efeitos de som.

Na década de 1950-59, podia pôr-me em dia com os grandes êxitos da literatura dramática contemporânea, a ler por então, em italiano, a cada quinze dias, as peças encartadas na revista "II Drama".

Foi meu caminho para ter intimidade com os grandes autores teatrais da época.

Dos americanos, Eugene O'Oneill me impressionou vivamente. Podia, sem esforço, por essa época, repetir os trechos mais significativos, por exemplo, de "Electra e os Fantasmas". E às vezes como se visse Clara ante um Tomás perplexo, instar a que se fechasse a casa, que nela não mais pretendia morar.

A casa apodrecesse ao sol e à chuva...

"E quando os retratos dos Mannons apodrecessem também nas paredes, é natural que todos os fantasmas que vivem lá dentro recolham de vez à Morte, de onde vieram..."

E então tudo acabará de vez."

Vejo agora: não pode ser tão simples, digo-lhes. Ainda que sejam poucos os retratos ou fantasmas pendurados em nossas casas, existem imagens que se nos entranham e jamais se desprenderão de nossas vidas.

Ainda neste momento é como se aqui, diante de todos, navegasse aquele barco do drama português que me concederia o meu primeiro contacto mágico com a realidade teatral. Talvez símbolo da própria arte que cultivei sob mil sacrifícios ao longo de quarenta anos, a experimentar mais as emoções da resignação do que as inspiradas no sucesso, chego a acreditar que o êxito – ando bem em referir Aldous Huxley –, é deusa-prostituta que "exige estranhos sacrifícios de seus adoradores."

Devo os bons momentos desses idos de 1956 à Senhora Nadir Papy Saboya, atriz e diretora irrepreensíveis.

De igual modo me tomaria devedor confesso, primeiro a B. de Paiva, e, depois, em maior grau, a Haroldo Serra, outros dois

expressivos artistas que me ajudaram na minha escalada teatral, uma ascensão naturalmente modesta e que me ensejou apenas a pisar pequenos cômoros, tudo feito sem deslumbramentos excessivos e vertigens de ordem pessoal.

Lícito aludir, pela cronologia esboçada, a meus anos de novelista de rádio.

Cometi por esses dias alguns dramas popularescos, sinto dizer, mas que fizeram vibrar a cidade de Fortaleza, urbe adoravelmente provinciana por esses passados e com admiráveis criaturas que podem manter intactas, como José Dias Macedo, a lembrança de meus personagens dessa fase.

Com o advento da televisão, de que fui pioneiro no Ceará, foi-me dado outro campo de experimentação técnica e artística. Ali, no meu local de trabalho, a TV Ceará, vi gravar em videoteipe e seguir para a Europa, "Os Deserdados", produção tecnicamente perfeita, concepção e realização de Hildeberto Torres.

Para encurtar: soaram por volta de 1963 os bons tempos, pelo menos para mim, de "O Morro do Ouro", dias alacres, divertidos, contestadores, e de muitos aplausos. Os primeiros momentos de minha sonhada "Trilogia dos Dramas Urbanos". Sobem ao palco, nessa hora, os pobres do Ceará, comunidade emparedada em sofrimentos mas paradoxalmente descontraída e otimista. Essa mesma gente em 1964 vai falar também, dar o seu recado, nos momentos dramáticos de " A Rosa do Lagamar". Depois da "Farsa do Cangaceiro Astucioso"; "O Fazedor de Milagres". E espetáculos curtos, qual "O Anjo", também encenado por amadores no Teatro José de Alencar. E mais perto de nossos dias "O Julgamento dos Animais", peça infantil, e "O Andarilho", hoje aqui declamada em público, em minha homenagem. . .

"Amai vossa vida, por mais pobre que seja", é conselho que vou tomar a Henri Thoreau.

Pois bem, desprovida de grandes lances, modestíssima mas perseverante, tem sido a minha carreira teatral que hoje comemoramos na marca de quatro décadas, e que me enseja, contentado, repartir as tantas emoções, ora sentidas, com todos que acudiram ao Teatro José de Alencar, neste exato momento, para tão cativante gesto de amizade.

Digo-lhes: sinto-me feliz por simplesmente ter feito o que sempre desejei fazer.

O barco que me conduz é frágil, e também de papel, qual o que vi sobre o palco de Pacatuba, na infância, a carregar a meu pai e a seus companheiros de drama para alguma desejada Ítaca.

Ninguém navega sem a esperança de chegar. E sem sonhar.

Este meu barco é qual um sonho bom. E não vai terminar hoje.

(Palavras proferidas no Teatro José de Alencar, em 1979, a ensejo dos 40 Anos de Teatro do autor, e à leitura-declamada de "O Andarilho", em I ato, de sua autoria, iniciativa da "Comédia Cearense").